



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO REALIZADO NO
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CANEÇAS - ESCOLA SECUNDÁRIA
COM 3º CICLO DE CANEÇAS**

Relatório elaborado com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador da Faculdade de Motricidade Humana:

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexêlo Pedro

Orientador da Escola Secundária com 3º Ciclo de Caneças:

Licenciado Luís Jorge Nogueira Lousteau Mateus

Júri:

Presidente:

Professor Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre

Vogais:

Professor Doutor António José Mendes Rodrigues

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexêlo Pedro

Licenciado Luís Jorge Nogueira Lousteau Mateus

Carla Alexandra Pires Monteiro

julho de 2014

*"Ser o que somos, e tornar-nos o que somos capazes de ser,
eis o único objetivo da vida."*

Robert Louis Stevenson

AGRADECIMENTOS

O percurso efetuado por mim neste estágio pedagógico nunca teria sido o mesmo se não tivesse juntos a mim pessoas, que de diversas formas contribuíram para a consecução deste meu sonho e objetivo. Desta forma, agradeço profundamente a todas essas pessoas pelo apoio incondicional que demonstraram ao longo do meu estágio.

Aos meus pais e irmã, pelo apoio incondicional e incansável que sempre nutriram por mim e pelo meu percurso académico e por acreditarem constantemente na minha vitória.

Ao professor orientador Luís Mateus, pelos grandes ensinamentos que me transmitiu, pois para além de me orientar em todo o meu processo, tornou-se um porto de abrigo e de conhecimento, que sempre me suportou e ajudou quando mais necessitei. Pela amizade e compreensão.

À professora orientadora Conceição Pedro, pelo rigor e competência transmitida ao longo de todo o estágio pedagógica, desenvolvendo em mim uma maior responsabilidade profissional. Pelo apoio prestado em todos os momentos do estágio.

À minha colega de estágio e grande amiga, Joana Rosário, pela grande amizade e apoio prestado. Pela compreensão e ajuda nos momentos mais difíceis. Pelo companheirismo e interajuda. Sem a sua presença, o processo de estágio seria muito mais árduo. Obrigado pela partilha de experiências e valores.

Ao meu colega Pedro Brigham, que embora tenha abandonado o estágio, foi um colega exemplar, com quem partilhei conhecimentos e experiências úteis para a minha vida profissional e pessoal, e nutri grande amizade.

Aos alunos, pessoal docente e não docente do Agrupamento de Escolas de Caneças, à minha turma 11^ºE, pelo afeto, compreensão, empenho, amizade que tiveram por mim. Pela forma como me receberam e me trataram ao longo de todo o ano letivo.

A todos os meus amigos e familiares, que sempre acreditaram na minha conclusão do Mestrado e no meu sucesso como profissional da Educação Física.

Agradeço também ao Senhor, por me dar a fé de acreditar que tudo seria possível e coragem para nunca desistir.

RESUMO

O presente relatório diz respeito a uma dissertação com caráter crítico e reflexivo do processo de estágio pedagógico realizado na Escola Secundária com 3º Ciclo de Caneças. O estágio, inserido no 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana, foi estruturado segundo o Guia de Estágio Pedagógico 2012/13, e divide-se em quatro áreas: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem (Área 1); Inovação e Investigação Pedagógica (Área 2); Participação na Escola (Área 3) e; Relações com a Comunidade (Área 4).

Na área 1, desenvolvi aptidões relacionadas com a organização, gestão e condução de ensino e também no âmbito do planeamento e avaliação. As atividades realizadas na área 2, contribuíram para uma maior capacidade de pesquisa e aumento do meu conhecimento ao nível da investigação pedagógica. Na área 3 obtive vários benefícios para a minha formação, como o aumento da capacidade de liderança, de criação de exercícios, ampliando o conhecimento sobre a modalidade. As atividades desenvolvidas na área 4 contribuíram para uma maior perceção de toda a dinâmica presente numa Direção de Turma e a importância que tem a relação da escola com a comunidade.

O NE em questão, destacou-se pela sua postura proactiva, trabalhadora, competente, repleta de iniciativas, organizando e participando num conjunto de atividades. Realça-se também a grande capacidade de união, interajuda e capacidade de superação do NE.

Neste relatório, o conhecimento pessoal e técnico foram tidos sempre em conta, interligando-se fortemente, recorrendo a referências teóricas que justificam as práticas e as decisões tomadas ao longo de todo o percurso. Culminando numa reflexão final de todo o estágio e sua importância ao nível profissional e pessoal.

Palavras-chave: Educação Física, Estágio Pedagógico, Percurso, Formação, Conhecimento

ABSTRACT

This report concerns a dissertation, with a critical and reflective nature of the pedagogical internship performed in Escola Secundária com 3º Ciclo de Caneças. The internship, inserted in the 2nd year of the Mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos básicos e secundário, at Faculdade de Motricidade Humana was structured according to the *Guia de Estágio Pedagógico 2013-2014*, which is divided in four areas: Organization and Management of Teaching and Learning (Area 1); Innovation and Pedagogical Research (Area 2); Participation at School (Area 3) and; Community Relations (Area 4).

In area 1, developing skills related to organization, management and conduct of education and also in planning and evaluation. The activities performed in area 2, contributed a greater capacity for research and increased my knowledge at the level of educational research. Area 3 got several benefits for my formation, such as increased leadership skills, creation of exercises, expanding the knowledge about the sport. The activities developed in the area 4 contributed to greater perception of all the dynamics present in Direction Class and importance of the relationship between school and community.

The group in question, stood out for its proactive stance, hardworking, competent, full of initiatives, organizing and participating in a number of activities. Also highlights the large-capacity union, mutual aid and ability to overcome the group.

In this dissertation, the personal and technical knowledge were always taken into account, linking heavily, using theoretical references that justify the practices and decisions made throughout the route. Culminating in a final reflection of the entire stage and its importance to the professional and personal level

Key-words: Physical Education, Pedagogical Internship, Route, Formation, , Knowledge,

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO	3
2.1 <i>Caracterização da escola</i>	3
2.2 <i>Departamento de Educação Física</i>	5
2.3 <i>Núcleo de Estágio</i>	9
2.4 <i>Caracterização da turma 11^ºE</i>	13
2.5 <i>Experiências e Expetativas</i>	17
3. ANÁLISE/REFLEXÃO CRÍTICA	19
3.1 <i>Área 1</i>	20
3.1.1 <i>Planeamento</i>	21
3.1.2 <i>Condução do Ensino</i>	30
3.1.3 <i>Avaliação</i>	39
3.2 <i>Área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica</i>	41
3.3 <i>Área 3 – Participação na Escola e Desporto Escolar</i>	49
3.3.1 <i>Desporto Escolar</i>	51
3.3.2 <i>Atividades Desenvolvidas</i>	55
3.3.2.1 <i>Torneio de Voleibol</i>	55
3.3.2.2 <i>Formação de Aeróbica</i>	57
3.4 <i>Área 4 – Relação com a turma e com a Comunidade</i>	60
3.4.1 <i>Direção de Turma</i>	60
3.4.2 <i>Estudos de caracterização da turma</i>	62
3.4.3 <i>Atividades Desenvolvidas</i>	63
3.4.3.1 <i>Atividade – “Estilos de vida saudáveis”</i>	63
3.4.3.2 <i>“Um dia no Jamor”</i>	65
3.4.3.3 <i>Gala de Educação Física e DE</i>	67
3.4.3.4 <i>Atividade de DE de Voleibol em Carcavelos</i>	67

3.4.3.5 Atividade com os núcleos de DE de Voleibol na Quinta da Fonte Santa.....	68
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
5. REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

Lista de Abreviaturas

A – Avançado

AF – Avaliação Formativa

AI – Avaliação Inicial

AS – Avaliação Sumativa

CT – Conselho de Turma

DE – Desporto Escolar

DEF – Departamento de Educação Física

DT – Diretor de Turma

E – Elementar

EE – Encarregado de Educação

EF – Educação Física

ESC – Escola Secundária com 3º Ciclo de Caneças

EBMA – Escola Básica de Moinhos da Arroja

FMH – Faculdade de Motricidade Humana

GEF – Grupo de Educação Física

I – Introdutório

JDC – Jogos Desportivos Coletivos

NE – Núcleo de Estágio

NI – Não Introdutório

PAI – Protocolo de Avaliação Inicial

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PAT – Plano Anual de Turma

PEE – Projeto Educativo de Escola

PF – Plano de Formação

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

RI – Regulamento Interno

UE – Unidade de Ensino

1. INTRODUÇÃO

O presente documento descreve, de uma forma exaustiva e reflexiva, todo o trabalho desenvolvido durante o estágio pedagógico, pertencente ao plano de estudos do 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana (FMH), no ano letivo de 2013/2014. O estágio pedagógico decorreu na escola sede do Agrupamento de Escolas de Caneças, Escola Secundária com 3º Ciclo de Caneças (ESC).

O professor, quando adquire a sua habilitação profissional, está longe de ser considerado um profissional acabado e amadurecido, na medida em que os conhecimentos que adquiriu ao longo da sua formação inicial são insuficientes para o exercício das suas funções ao longo da carreira, reconhecendo, assim, a necessidade de crescimento e de aquisições diversas, assumindo ele próprio o comando do seu desenvolvimento (Ponte, 1994 citado por Herdeiro & Silva, 2008. p.2).

Um professor, deve assim, assumir o seu percurso profissional, visando um desenvolvimento sistemático, promovendo uma formação contínua, não se limitando apenas à sua formação académica, que apenas fornece as primeiras ferramentas para se tornar um profissional de sucesso. A partir daí, o professor deve continuar o seu percurso, de forma reflexiva e transformadora. Desta forma, a formação dos professores assume-se assim, com um carácter “contínuo e sistemático de aprendizagem” (Onofre, 1996. p.75), no sentido de promover a “inovação e o aperfeiçoamento do conhecimento” do professor e das suas atitudes. Desenvolvendo assim o seu sentido crítico e analítico, que condiciona as suas decisões relativamente às funções associadas à docência.

O estágio realizado foi o palco para o início de uma carreira docente, onde ocorreram inúmeros acontecimentos e foram desempenhadas diversas funções e tarefas. Todas as atividades realizadas no estágio foram alvos de reflexões e críticas, as quais contribuíram para um desenvolvimento e evolução profissional, crescimento moral e ético e também para um desenvolvimento de outras capacidades e competências no âmbito do planeamento, organização, gestão e avaliação de aprendizagens. Posto isto, o presente relatório final do estágio, visa uma “apreciação de todo o processo formativo, orientado para as competências definidas, com um carácter reflexivo, contextualizado, projetivo e fundamentado” (Guia de Estágio, 2013).

Este relatório foi construído com o intuito de refletir sobre o impacto do estágio no desenvolvimento profissional e também pessoal do professor estagiário, explicitando

o contexto em que se desenvolveram as diversas tarefas e atividades do estágio, remetendo para uma realidade própria de cada estágio e de cada professor estagiário.

O estágio divide-se em quatro áreas de formação, e são elas: Organização e Gestão do Ensino Aprendizagem (Área 1), Inovação e Investigação Pedagógica (Área 2), Participação na Escola (Área 3) e Relação com a Comunidade (Área 4) (Guia de Estágio, 2013-2014). Estas quatro áreas contribuem para uma formação eclética ao nível da formação do professor de Educação Física (EF), na medida em que, abrange um conjunto de dimensões, tarefas e objetivos distintos, mas essenciais para a formação docente. Desta forma, a reflexão efetuada sobre o processo de estágio, assenta em diversas referências teóricas, que sustentam as várias afirmações e também toda a atividade desenvolvida.

Em suma, o relatório final do estágio pedagógico centra-se assim na "análise do percurso em cada uma das quatro áreas que compõem o estágio e também na articulação e integração dessas áreas" (Guia de Estágio, 2013). Este balanço final, engloba todo um conjunto de reflexões elaboradas ao longo do ano letivo, tais como os relatórios intercalares de etapa e balanços de todas as atividades desenvolvidas ao longo do estágio pedagógico. O relatório de estágio projeta também, após a reflexão exhaustiva e detalhada do processo de formação, as linhas orientadoras que irão direcionar o meu trabalho futuro enquanto professora de EF.

O relatório está estruturado em duas grandes partes. A primeira parte está relacionada com a contextualização do estágio, onde são descritas as características e circunstâncias em que este se desenvolveu, como as características da escola, do departamento da disciplina, do núcleo de estágio. Neste capítulo são também incluídas as principais atividades desenvolvidas pelo núcleo de estágio, as especificidades da turma à qual foram lecionadas as aulas, as experiências e expectativas. A segunda parte do relatório diz respeito a toda a análise reflexiva do processo de estágio nas quatro áreas de intervenção.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

2.1 Caracterização da escola

O estágio foi realizado na Escola Secundária com 3º Ciclo de Caneças, pertencente ao recente Agrupamento de Escolas de Caneças.

A escola secundária foi fundada a 29 de Outubro de 1983 e localiza-se na Vila de Caneças, Concelho de Odivelas.

A população residente na freguesia de Caneças é proveniente de diversos meios habitacionais, uma vez que é delimitada por várias freguesias. A maioria da população de Caneças provém sobretudo de meios rurais e suburbanos, onde existem um número significativo de bairros sociais, comunidades PALOP, entre outras nacionalidades.

A escola secundária de Caneças (ESC) acolhe portanto um conjunto de etnias, nacionalidades e estratos socioeconómicos diferentes, que criam diversos contextos para se desenvolver o processo ensino-aprendizagem. Por essa razão, foram tidos em conta todos esses aspetos de calibre social, característicos da população e alunos pertencentes à freguesia de Caneças, para quaisquer atividades ou projetos a desenvolver pelo NE. Também a minha conduta e modo de intervir no processo educativo dos alunos, enquanto professora estagiária da escola, tiveram em conta estas características sociais da população. No entanto, essa diversidade não deve ser vista como um impedimento à formação e desenvolvimento dos alunos, mas sim como uma alavanca para compreender uma realidade existente que deve ser encarada e vivida com todas as suas particularidades.

A maioria dos problemas observados estão relacionados com disfunções familiares e com um estatuto socioeconómico baixo e condições de habitação muito precárias. Desta forma, o trabalho desenvolvido com os alunos deve constituir um apoio e um acompanhamento ativo para os alunos, nomeadamente os que apresentam maiores dificuldades e problemas.

A ESC tem procurado, ao longo dos anos, responder a todas as grandes necessidades de formação manifestadas pela população, e por essa razão, é considerada como sendo uma “instituição de ensino e formação multifacetada e de qualidade” (Projeto Educativo de Escola 2010-2013). A ESC integra diferentes práticas pedagógicas e inovadoras, que satisfazem da melhor maneira essas necessidades e interesses da população, desde as crianças aos adultos.

A ESC engloba turmas pertencentes ao 3º ciclo (a partir do 8º ano), do ensino secundário, cursos profissionais e outros tipos de formação. Mais especificamente, a oferta educativa da ESC é bastante versátil, funcionando tanto no período diurno como

no período noturno, com diferentes tipos de cursos oferecidos. No 3º ciclo do ensino básico, as turmas diferenciam-se em turmas de currículos regulares, turmas de Percursos Curriculares Alternativos e por turmas de Cursos de Educação e Formação. No ensino secundário, as turmas são organizadas em diferentes cursos: cursos científico-humanísticos e cursos profissionais. Existe ainda, a oportunidade de muitos adultos manifestarem as suas capacidades e habilidades, através do Centro de Novas Oportunidades, e também são oferecidos outros cursos relacionados com a educação e formação de adultos, com unidades de formação de curta duração e cursos de Português Para Todos.

A ESC é atualmente uma escola muito moderna, com uma arquitetura inovadora, que engloba todos os blocos/edifícios num só edifício.

O Projeto Educativo da Escola (PEE), assenta os seus objetivos sobretudo no combate ao abandono e insucesso escolar dos alunos. Uma vez que existe uma grande diversidade financeira, habitacional e social, a probabilidade de haver abandono e insucesso escolar aumenta. Pois esse insucesso é visto como natural e inevitável, por principalmente por parte da família dos alunos, resultando num investimento fraco na formação académica dos jovens e adultos. A preocupação do PEE é sobretudo incentivar os alunos para a frequência da escola e incluir os pais e encarregados de educação em todo o processo educativo dos seus educandos. Pretende-se por isso, que o ensino seja suportado pela inovação e utilização de diversos recursos tecnológicos, para que a motivação e o acesso à educação seja fortalecido e intensificado, envolvendo toda a comunidade escolar.

A ESC propõe-se assim, através de todos os atores participantes e influentes na educação e formação dos jovens e adultos de Caneças, a atingir diversos objetivos. Esses objetivos centram-se, essencialmente, em garantir uma oferta educativa multifacetada que corresponda a todas as necessidades de cada aluno; em promover um conjunto de valores e competências positivas, morais e éticas, como a socialização, o espírito de grupo, criatividade, curiosidade, capacidade de adaptação, de comunicação e resolução de problemas; promover e incentivar à diferenciação pedagógica e também em desenvolver uma diversidade de atividades lúdico-educativas. Neste campo, considero que a ESC conta com um leque de profissionais docentes e não docentes que caminham juntos numa mesma direção e visão educativa. Profissionais competentes e inovadores, ativos na escola e dispostos a atualizarem-se perante novas práticas pedagógicas mais eficazes. Destacando os órgãos administrativos superiores, o presidente e a vice-presidente do Conselho Executivo da escola, sempre tiveram um papel ativo na escola e próximo de todos os indivíduos que nela atuam, disponíveis para qualquer situação, demonstrando segurança e

preocupação pelo bom funcionamento da escola. Relativamente às atividades desenvolvidas pelo núcleo de estágio (NE), os elementos da direção da escola estiveram habitualmente disponíveis para todas as situações que necessitavam do seu apoio ou autorização.

É então, sobre estes objetivos e ideais que todo o ensino na ESC se baseia, de forma a obter uma população mais instruída. Foi sobre estes pressupostos que todo o processo de estágio se desenvolveu, procurando sempre, enquanto professora e impulsionadora do ensino na ESC, desenvolver atividades motivadoras e educativas, que transmitissem algo positivo e duradouro aos alunos. Por outro lado, criando estratégias e soluções para os problemas apresentados, auxiliando sempre que possível os alunos, atendendo às suas necessidades, para que estes se sentissem bem no ambiente escolar e se sentissem apoiados para continuar o seu processo de ensino-aprendizagem.

2.2 Departamento de Educação Física

O departamento de Educação Física (DEF) é a grande ferramenta para obter uma socialização profissional e é através de um grupo disciplinar que se consolidam vínculos e compromissos para o desenvolvimento e evolução da Educação Física (Nobre, 2010). O DEF deve estar em permanente comunicação e partilha, estabelecendo metas e objetivos coletivos, para conferir maior qualidade no ensino da EF.

Assim, “sem grupo e sem projeto não se é, ou então é-se aquilo que ficou por projetar” (Brás & Monteiro, 1998, citado por Nobre, 2010), pois é importante que se façam concretizar todas as ideias e interesses dos grupos de EF, pois só assim haverá uma evolução significativa da EF nas escolas. Não nos devemos limitar e ficar pelos projetos mas sim aplicá-los. Segundo os Programas Nacionais de Educação Física (PNEF) (2001), “o trabalho coletivo que o DEF produzir, traduzido nos compromissos que estabelecer dentro do próprio grupo, na escola e na comunidade, são a base do sucesso da aplicação destes programas”, desta forma, será proporcionado um ensino de maior qualidade e coerência de práticas letivas se o trabalho realizado com os alunos provir de um trabalho coletivo e coeso, de união, e repleto de trocas de experiências e conhecimentos.

No início do ano letivo 2013/2014, começou uma nova fase nos departamentos de EF das escolas de Caneças, nomeadamente da ESC e da Escola Básica dos Castanheiros. Na medida em que, ao invés de haver um DEF para cada escola, após o recente agrupamento das escolas, passou a haver um DEF comum às duas escolas,

com cerca de 15 professores, inclusive o NE. Esta recente alteração teve várias repercussões, sendo necessário rever as práticas letivas e as várias atividades e dinâmicas de grupo, uma vez que havia diferentes formas de trabalho, ideias distintas e contrastantes entre os professores do novo agrupamento. Desta forma, através de reuniões de departamento procedeu-se à uniformização dos documentos de avaliação, critérios de avaliação e protocolo de avaliação inicial (PAI), de acordo com os PNEF. Foi portanto, um momento de mudança, com o qual todos os professores tiveram de saber lidar e reagir, demonstrando capacidade de compreensão e de trabalhar em grupo. Manifestaram-se diferentes opiniões e conhecimentos, podendo constatar algum desconforto, por parte de certos professores do departamento, relativamente aos critérios e formas de avaliação definidas no PNEF.

O papel do núcleo de estágio nesta fase foi muito importante, nomeadamente na orientação na reformulação dos documentos e critérios de avaliação de acordo com os PNEF. Uma vez que o NE possui um conhecimento mais pormenorizado e atualizado acerca dos pressupostos dos PNEF, foi muito relevante a participação e presença do NE nesta fase de mudança, no que respeita à explicação dos critérios de avaliação bem como os seus ideais, objetivos e formas de aplicação.

O grupo de EF do AEC sempre se assumiu como um grupo dinâmico e proativo, bastante interventivo e impulsionador de diversas atividades desportivas na escola e fora da escola. O DEF demonstrou regularmente capacidade de aceitar diversas opiniões e mudanças, e também interesse em atualizar o seu conhecimento e práticas letivas, apostando na formação contínua. Relativamente ao núcleo de estágio, o DEF, na sua generalidade, nunca se mostrou como um entrave à realização das diversas atividades e tarefas de estágio. A maioria dos professores do DEF esteve sempre disponível para participar nas atividades propostas, auxiliar e colaborar com o NE sempre que este precisasse de apoio, e esteve sempre disposto a transmitir os seus conhecimentos e experiências letivas, para que o NE evoluísse profissionalmente e se tornasse cada vez mais competente no contexto escolar.

O Grupo de EF (GEF), como já referido, sempre se afirmou como ativo e criador de várias iniciativas e atividades, que se podem verificar no Plano Anual de Atividades (PAA) de Educação Física, no qual constam atividades tanto da própria disciplina de EF, (torneios específicos das modalidades), como também do DE, (torneios/campeonatos específicos dos grupos-equipas, atividades/encontros organizados pelos próprios grupos-equipas), e por fim, engloba também atividades comuns e mais gerais à disciplina, como passeios/caminhadas, gala final de ano, e o projeto Agita Caneças. Este último, o projeto Agitas Caneças, é um projeto dinâmico, que visa desenvolver

atividades promotoras de estilos de vida saudáveis e hábitos saudáveis e desportistas, na comunidade escolar.

As instalações afetas à EF estão sob a responsabilidade do professor orientador que desempenha a função de diretor de instalações no DEF. Houve sempre um grande rigor, exigência e organização, por parte deste professor, na gestão das instalações e material desportivo, estando sempre garantido um conjunto numeroso de materiais para as práticas letivas e desportivas. Existe um miniginásio, instalado no piso superior do pavilhão polidesportivo, destinado a todos os alunos da escola, nomeadamente os alunos que necessitaram de apoio nesta disciplina, ao longo do ano letivo. Esta instalação foi mais uma contribuição para uma promoção ativa de estilos de vida saudável e bons hábitos desportivos (atividade física), uma vez que o miniginásio esteve à disposição de qualquer indivíduo, sem qualquer custo adjacente. O miniginásio, esteve sob responsabilidade não só do diretor de instalações, mas também de outro professor pertencente ao departamento. Também a sala de aula existente no piso superior do pavilhão polidesportivo, foi arrumada e colocada em condições para proceder à lecionação de aulas teóricas na mesma, uma vez que com as obras efetuadas na escola, a sala ficou inutilizável devido ao material lá existente. Esta sala foi sempre uma mais-valia, visto que era mais um apoio, um suporte para a lecionação das aulas de EF, nomeadamente das aulas teóricas, quando necessário. Os dois únicos problemas que a sala possui são as reduzidas dimensões, ou seja, é pequena para turmas muito grandes, e também o facto de não conter instalado um *datashow* (projektor), o que implicava que sempre que um professor necessitasse de um projetor teria de se deslocar aos blocos da escola e requisitar um que estivesse disponível para determinada hora.

O DEF do agrupamento, procurou sempre reunir os documentos necessários às práticas letivas e que orientassem os professores no seu processo de ensino. Nesses documentos destacam-se: o Regulamento Interno (RI) de EF, o documento dos Critérios de Avaliação, o PAI, que está inserido num outro documento denominado Documento de Avaliação em EF, Planos Plurianuais e o PAA. Abordando mais especificamente cada um dos documentos, relativamente ao RI da EF, este engloba um conjunto de regras e pressupostos a cumprir, que contribuem para um melhor funcionamento da disciplina e uma melhor conduta desempenhada tanto pelos alunos, como por professores e funcionários. Considero por isso, que este documento está bastante completo e explicativo do que se pretende cumprir no âmbito da EF, em termos de comportamento, regras e organização. Referentemente ao Documento dos Critérios de Avaliação, este foi reformulado devido à alteração de critérios efetuada no início do ano e ao recente agrupamento de escolas. Alteração essa sugerida pelo NE, ficando

atualmente de acordo com os PNEF na sua totalidade, à exceção do ensino básico que ainda tem alguns pressupostos especiais do próprio agrupamento, como por exemplo a avaliação das atitudes e comportamentos. Este documento engloba assim todos os critérios de avaliação desde o ensino básico ao secundário e cursos profissionais. Quanto ao PAI, este está um pouco incompleto, pelo que não especifica as situações de aprendizagem/avaliação de algumas matérias, como a dança e o atletismo, ficando ao critério de cada professor a forma como avalia inicialmente os alunos nessas matérias. Considero que este documento deveria ser reformulado e completado, de modo a uniformizar as práticas dos professores do GEF. Ainda no mesmo documento, Documento de Avaliação na EF, estão inseridas as situações de avaliação para certificação do nível dos alunos nas matérias. De uma forma geral, considero que o documento é simples e de fácil aplicação. Relativamente aos planos plurianuais considero que apresentam-se muito completos e objetivos no que toca à especificação dos conteúdos que devem ser abordados nas várias áreas e matérias e também nos diferentes anos e ciclos de escolaridade. O PAA, referenciado anteriormente, apresenta todas as atividades realizadas ao longo do ano letivo, no âmbito da EF.

Especificamente na área da aptidão física, "atualmente, sabe-se que os adolescentes tendem a ser mais sedentários e conseqüentemente mais obesos do que no passado" (Bayo, Brogueira, Pintassilgo, Diniz, 2012. p.50). Nesta perspetiva, o NE sugeriu aulas de apoio à área da aptidão física, visto que, segundo os novos critérios aprovados pelo DEF, é obrigatório que os alunos estejam "Aptos" nesta área, para obter classificação positiva à disciplina. Esta sugestão foi realizada após a AI, numa reunião de departamento, onde foram debatidos os vários resultados que os alunos obtiveram nesta área. Por essa razão e pelo facto de alguns dos resultados da aptidão física serem preocupantes, surgiu a necessidade de propor as aulas de apoio destes conteúdos, para os alunos poderem ter a oportunidade de recuperar e obter um desempenho positivo. Segundo Sallis e McKenzie (1991, citado por Marques & Carreiro da Costa, 2013), o potencial que a Educação Física tem relativamente à promoção da saúde tem sido reconhecido, devido ao seu contributo na adoção de estilos de vida ativos e saudáveis. Assim, a EF deve assumir um papel motivador e impulsionador neste sentido. Os alunos devem perceber, através das aulas proporcionadas por profissionais da área do Desporto, Educação, Atividade Física e Saúde: os professores de EF, que a adoção de estilos de vida saudáveis é uma tarefa fácil e que lhe irá proporcionar qualidade de vida e saúde.

A dinâmica de organização do GEF sempre foi muito bem gerida, nomeadamente ao nível do *roulement* definido. Este foi estruturado para que cada professor pudesse nas suas aulas usufruir de um só espaço, o que facilita bastante o

planeamento, em especial das unidades de ensino, pois permite ter uma abordagem mais concentrada das matérias por haver uma continuidade nos espaços.

Por fim, o clube do DE da ESC sempre foi apoiado por toda a comunidade escolar. É notável a oferta educativa e desportiva que a ESC oferece aos seus alunos, contanto com 9 núcleos de DE (Voleibol, Basquetebol, Futsal, Taekwondo, Tiro com arco, Badmínton, Ténis, Multiatividades e Escalada. Destes núcleos, o núcleo de Voleibol, ao qual fiz parte como professor coadjuvante, no âmbito da Área 3 do estágio pedagógico, foi o núcleo com maior adesão e participação de alunos, apresentando mais grupos equipa. Os professores responsáveis por este núcleo são professores muito dinâmicos, preparando diversas atividades, encontros e torneios para os grupos equipa, muitas vezes com a participação de todas as equipas, sendo o núcleo com maior número de atividades desenvolvidas ao longo do ano.

2.3 Núcleo de Estágio

O núcleo de estágio foi constituído, inicialmente, por três professores estagiários, dois do sexo feminino e um do sexo masculino, e pelos professores orientadores de escola e faculdade. Os professores estagiários do NE já nutriam uma grande amizade, união e capacidade de trabalhar em grupo, desde o primeiro ano do mestrado, o que facilitou bastante o trabalho desenvolvido ao longo do ano de estágio.

Oficialmente, o estágio pedagógico teve início a 2 de Setembro de 2014. No período de tempo desde o início até iniciarem as aulas foram detetadas algumas potencialidades e fragilidades do NE, que foram complementadas com uma série de atividades e tarefas.

As primeiras tarefas que o NE teve de concretizar foi o inventário de todo o material desportivo disponível para a prática letiva, e em seguida elaborar uma grelha de polivalência dos espaços. O NE, estando pelas primeiras vezes a lidar com as instalações da escola e com respetivos materiais, sentiu necessidade de ter uma tabela de polivalência dos espaços, para facilitar o processo de planeamento das aulas. Assim seria mais fácil, mediante o *roulement* atribuído, definir as matérias a lecionar nesses espaços. Inicialmente, a tabela de polivalência dos espaços estava muito objetiva e reduzida, mas com o decorrer do tempo, o NE foi percebendo que espaços que, aparentemente, só reuniam condições para determinadas matérias, reuniam também para mais matérias das que as identificadas. Este facto, tornou cada vez mais, as aulas politemáticas e mais organizadas e com um maior aproveitamento do espaço para trabalhar as várias matérias.

O NE preparou também, uma pequena formação interpares de dança. O professor orientador atribuiu a cada professor estagiário um estilo de dança, ChaCha, Rumba Quadrada e Foxtrot, propondo a tarefa de cada um preparar uma aula desse estilo de dança, de nível Introdutório. Esta tarefa foi muito relevante para o início do estágio, na medida em que se tratou de uma aprendizagem. O NE preparou uma aula, com um nível um pouco superior, uma vez que nunca tínhamos lecionado aulas de dança no contexto escolar, e após o *feedback* do professor orientador, apercebemo-nos que a coreografia deveria ser simples, devendo conter mais progressões pedagógicas e outros métodos de lecionação, adequados à turma e ao estilo de dança. Por exemplo, na Rumba Quadrada, deve-se começar a ensinar com a turma disposta em xadrez em frente ao professor, com cada passo, após cada passo estar consolidado, progredir para a disposição em pares. O NE, desde cedo que demonstrou a sua facilidade na matéria da Dança, no entanto, como em contexto escolar nenhum dos elementos do NE tinha experiência, foi necessário todo este *feedback* prescritivo e descritivo para que existisse um bom enquadramento do núcleo de estágio no contexto educativo.

Nesta primeira fase do estágio, ocorreram também as primeiras reuniões de departamento. Estas reuniões contribuíram para um melhor conhecimento acerca do grupo de professores com iríamos trabalhar e lidar ao longo de todo o ano letivo e também perceber toda a dinâmica existente na disciplina de Educação Física na escola. Também foram realizadas algumas reuniões com a professora orientadora da Faculdade de Motricidade Humana (FMH), sendo uma das reuniões centrada no planeamento, na qual todos os professores estagiários deveriam comparecer munidos de documentos e conhecimento acerca da temática do planeamento. Considero que esta reunião foi de extrema importância, na medida em que foram tratados diversos conteúdos essenciais, e que iriam ser a base de todo o planeamento anual.

No início do ano letivo, o NE detetou algumas debilidades na lecionação de algumas matérias, nomeadamente o Badminton, pelo que achámos necessário fazer uma formação nessa matéria, com um professor especialista. A formação foi pessoal tendo apenas como participantes o NE. O objetivo principal da formação era que, no contexto de treino de Desporto Escolar (DE) da matéria, onde são encontrados alunos de todos os níveis, o professor nos transmitisse conhecimento acerca dos diversos métodos de lecionação e das várias progressões pedagógicas inerentes a cada gesto técnico. Considero que esta formação foi crucial para o NE, pois foi possível consolidar o conhecimento já existente e adquirir novas formas de abordagem da matéria, nomeadamente ao nível das progressões e das componentes técnicas de cada gesto técnico, proporcionando um ensino de qualidade aos alunos.

Relativamente às atividades realizadas no âmbito da Educação Física (EF) e Desporto Escolar (DE), o NE compareceu e participou em todas as atividades desenvolvidas, umas como organizador outras como colaborador na organização. As atividades nas quais o NE apenas colaborou na organização foram: o Torneio de Badminton (31 de outubro), o Dia do Atletismo (18 de novembro), o Torneio de Basquetebol (16 de dezembro), Dia em Carcavelos – DE Voleibol (4 de Junho), I Gala de EF e DE (6 de Junho) e Quinta da Fonte Santa – DE Voleibol (11 de Junho). As atividades que o núcleo de estágio organizou foram: Torneio de Voleibol – Área 3 (21 de janeiro e 3 de abril), apresentação “Estilos de vida saudáveis” – Escola básica de Moinhos da Arroja – Área 4 (1 de abril), Formação de Aeróbica - Área 3 (29 de Maio), Um Dia no Jamor – Área 4 (5 de Junho).

O NE em conjunto com o professor orientador de estágio, elaborou um calendário escolar, onde estavam incluídas todas as atividades e tarefas a realizar ao longo do ano letivo. Esta planificação do percurso de estágio auxiliou significativamente todo o processo de organização e gestão do trabalho a desempenhar por cada professor estagiário.

O percurso de estágio foi muito produtivo e relevante, na medida em que foi experienciada um conjunto de atividades e tarefas, contribuindo para um desenvolvimento exponencial dos professores estagiários, ao nível profissional, académico e pessoal. O NE adquiriu um conjunto de competências e habilidades, no âmbito da organização, gestão e coordenação de atividades desportivas e também, no campo mais pessoal, ao nível da resolução de problemas e tomada de decisões.

Desta forma, para além das funções profissionais e académicas que o NE tinha de desempenhar, havia também outros valores que suportavam a competência manifestada, tais como a amizade, a persistência, a capacidade de trabalhar em grupo, a sinceridade e o altruísmo.

Considero que houve um trabalho de grupo muito bem desenvolvido, com uma dinâmica própria e características dos professores estagiários, que juntos, com as suas diferentes potencialidades e habilidades, originaram um grupo de estágio muito completo e repleto de qualidades. Embora nenhum dos professores estagiários tivesse experiência em lecionação, creio que houve uma adaptação rápida, eficaz e de qualidade ao contexto escolar, que resultou numa evolução significativa na prestação do NE, enquanto docentes da disciplina de Educação Física.

O estágio é uma oportunidade e uma preparação para o mundo profissional que se anseia e se escolheu, é nele que se vivenciam diversas situações e experiências que contribuem para uma completa aprendizagem. Deve-se procurar e ambicionar a formação contínua, atualizando os seus conhecimentos e adquirindo novos. O NE

evoluiu e aprendeu, ao longo do ano letivo, com os vários erros e decisões tomadas, tanto próprios como dos colegas de estágio. Por essa razão, é tão importante a observação das aulas dos colegas e as reuniões realizadas após cada aula, para debate e discussão sobre as decisões e opções de planeamento e condução de ensino, promovendo a reflexão crítica sobre a ação. Sobre esse ponto, considero que o NE teve sempre uma atitude muito reflexiva e cumpriu sempre com os pressupostos do estágio pedagógico, realizando com frequência as reuniões após cada aula ou bloco de aulas, debatendo as fichas de observação com os vários comentários, preenchidas por cada professor estagiário observador, e desta forma, traçar novas metas de aprendizagem e desafios, corrigindo os erros e melhorando o necessário. Considero que a presença e a intervenção do professor orientador de estágio foi crucial para que todos nós tivéssemos grandes evoluções e adquiríssemos mais rapidamente as competências e habilidades ambicionadas.

Cada um dos professores estagiários realizou a sua formação em instituições diferentes como tal, os conteúdos e as potencialidades de cada um são igualmente distintas. A minha colega de estágio apresentava grandes facilidades na matéria da Dança e Aptidão Física, e também capacidades ao nível da condução de ensino. Eu porém, considero que tenho facilidades nos Jogos Desportivos Coletivos (JDC) e Ginástica, e também apresento aptidões e capacidades nas tarefas relacionadas com o planeamento, gestão e organização, e revelo capacidade reflexiva, crítica e de escrita. O meu colega de estágio, apresentava facilidades também nos Jogos Desportivos Coletivos, na Dança e Aptidão Física, e revela capacidades de organização e gestão de grupo.

No decorrer do estágio, os meus colegas manifestaram já algumas dificuldades em cumprir com os pressupostos do estágio, nomeadamente a elaboração dos documentos necessários, como documentos de planeamento e de reflexão.

Essa dificuldade foi aumentando, e tivemos que em grupo, ajudarmo-nos e motivarmo-nos mutuamente. Entretanto, no fim do primeiro período letivo, o meu colega de estágio revelou ao NE a notícia de que iria abandonar o estágio, não só por estar desmotivado e sentir-se incapaz de continuar, mas principalmente por ter conseguido um emprego, noutra área profissional, e que seria uma oportunidade única para o seu futuro. Por esta razão, o NE ficou reduzido a duas professoras estagiárias e a capacidade de união, de compreensão e de interajuda aumentou significativamente. A dificuldade à pouco referida, também se fixou na minha colega de estágio, por motivos de saúde e consequente desmotivação por ter deixado vários documentos em atraso, a minha colega viu o seu percurso de estágio ameaçado e muito frágil. Considero que nesse aspeto, fiz sempre o que teve ao meu alcance para a ajudar, seja na elaboração

dos documentos como também na motivação e alegria prestada, para que nunca desistisse. Tal como eu, o professor orientador de escola e a professora orientadora da faculdade, tiveram um papel crucial e importantíssimo na manutenção da minha colega no estágio pedagógico. Considero por isso, que o NE, apesar dos vários problemas vivenciados, conseguiu ultrapassar as adversidades e manteve-se sempre unido e coeso, que é muito importante para que continuássemos o percurso, fortes e inquebráveis.

O professor orientador de escola, sempre foi um elemento fundamental no NE, pois sempre se assumiu como um professor exigente e muito profissional e organizado, mas também, muito preocupado e sempre disponível para auxiliar os professores estagiários em qualquer que fosse a situação. Sempre nos sentimos apoiados e sustentados, e para além de uma relação profissional e académica muito positiva entre os professores estagiários e o professor orientador, também uma relação de amizade e companheirismo se formou entre nós. Foi um percurso muito importante e com alto valor sentimental e profissional, que promoveu exponencialmente a aprendizagem individual e coletiva dos professores estagiários do NE.

A professora orientadora da faculdade, desempenhou um papel mais exigente e assertivo no percurso do estágio pedagógico, nomeadamente no cumprimento dos prazos de entrega e elaboração dos documentos. Ainda assim, sempre se revelou disponível e preocupada com o NE, nomeadamente nas alturas mais frágeis.

Os professores orientadores de estágio tiveram um papel fundamental na estrutura do NE e na sua manutenção e coesão. As professoras estagiárias destacaram-se pela sua perseverança e insistência na resolução dos problemas e na união e amizade que sempre manifestaram. Pois, mais importante que uma relação estritamente profissional e académica, que possa haver em alguns núcleos de estágio, eu considero que uma relação dotada de amizade, companheirismo e altruísmo é essencial para se adquirir uma maior competência profissional, uma melhor dinâmica de grupo e atingir a felicidade no que se faz, neste caso, no estágio pedagógico.

2.4 Caracterização da turma 11ºE

A turma E do 11ºano que foi atribuída tratava-se de uma turma de Humanidades, que continha praticamente os mesmos alunos do ano letivo anterior, no qual tiveram como professor de EF um professor estagiário, estando mais familiarizada com todo o trabalho e processo desenvolvido no estágio com a turma. A turma era constituída por 27 alunos, sendo que um dos alunos anulou a matrícula, pelo que ficaram apenas 26 alunos, dos quais 16 eram raparigas e 10 eram rapazes. A média de idades rondava os

16 anos, no entanto, no fim do ano letivo houve 5 alunos maiores de idade. Era portanto uma turma muito próxima da minha idade, o que poderia ter sido algo complicado, relativamente à imposição de respeito e regras, mas pelo contrário, não foi nunca um entrave ao meu desempenho e prestação enquanto professora da turma. Os alunos sempre mantiveram o respeito necessário e sempre estiveram disponíveis para tomar atenção e aprender o que lecionava. Considero que a relação com os alunos foi também de grande união.

Os alunos que a constituíam eram alunos que, apesar de já se conhecerem relativamente bem do ano letivo anterior, poderiam estar ainda mais unidos, pois ainda apresentavam demasiadas discordâncias entre si. Creio que essas discordâncias poderão estar relacionadas com o facto de haver uma diversidade elevada de maturidade entre os alunos. Alguns alunos eram muito maduros e muito competentes naquilo que realizavam e diziam, e outros, nomeadamente os rapazes, eram um pouco mais infantis, o que originava alguns choques de identidade.

A turma apresentava alguns comportamentos de desvio e o nível de comportamento ao longo das aulas era por vezes instável. Houve aulas em que os alunos comportavam-se devidamente e outras em que era necessário vários tipos de punições para minimizar e eliminar os comportamentos indesejados. Os alunos mais problemáticos em termos de comportamento eram na sua maioria rapazes, revelando grande facilidade em dispersarem-se na aula, alguns eram extremamente conversadores. Algumas das raparigas apresentavam comportamentos de desvio, devido à sua falta de atitude e motivação para prática e por isso dispersavam-se e arranjanho alternativas à realização das tarefas propostas. No entanto, apesar de todos estes casos mais especiais e mais específicos de “mau” comportamento, a turma de uma forma geral foi fácil de controlar, pois os alunos eram muito respeitadores e compreendiam as várias punições, revertendo a maioria dos comportamentos de desvio.

Relativamente à assiduidade, a turma E do 11º ano apresentava resultados bastante positivos, na medida em que, por norma, todos os alunos inscritos à disciplina estavam presentes nas aulas, apenas em casos específicos, nomeadamente doença, é que os alunos não compareciam nas aulas. Ainda assim, os alunos que motivos de doença não realizam aula prática, estão presentes nas aulas equipados e realizam um relatório de observação da aula em questão ou auxiliam nas tarefas da aula.

Ao nível da pontualidade, os alunos apresentavam, ao invés do que sucede na assiduidade, um número significativo de faltas de atraso, apesar de estarem a melhorar esse aspeto ao longo das aulas. No entanto, foi necessário a aplicação de consequências para esses alunos que chegavam atrasos com o intuito de minimizar

estas faltas. Embora este número seja um pouco elevado, o início das aulas nunca foi prejudicado pelos alunos atrasados, uma vez que a maioria da turma está sempre presente atempadamente para dar início à aula.

Ao nível da disciplina de Educação Física, no início a maioria dos alunos da turma revelou que a EF não era a disciplina pela qual nutriam mais gosto e vontade em praticar, no entanto, considero que essa opinião e posição tomada pelos alunos alterou-se um pouco, revelando gosto pela mesma e vontade em praticar as diversas matérias. Relativamente à participação e desempenho, a turma no início do ano letivo apresentava um nível global Introdutório (I) e revelava um nível de participação significativo nomeadamente na participação nas atividades organizadas pelo GEF. Com o decorrer das aulas, o nível dos alunos melhorou, passando do nível I para o nível Elementar (E), na maioria das matérias, refletindo um trabalho muito produtivo e competente realizado com os alunos, manifestado em melhorias significativas. A turma era um pouco heterogénea, em termos de desempenho motor, havendo alunos que se destacavam pelas suas elevadas capacidades ou pelo contrário. De uma forma geral, os rapazes tinham um nível elevado nas várias matérias, à exceção da Dança, havendo duas raparigas que se aproximavam muito do nível de desempenho dos rapazes. Os alunos que revelaram maiores dificuldades na disciplina foram sinalizados como alunos prioritários e foi sempre sobre esses alunos que se debruçou a minha atenção e preocupação. Neste aspeto considero que tive um desempenho exemplar, na medida em que alunos que se encontravam no nível Não Introdutório (NI) conseguiram atingir o I, e alguns que estavam diagnosticados com o nível I conseguiram atingir o E.

As matérias que os alunos escolheram, após a avaliação inicial, depois de serem confrontados com os próprios resultados e orientados por mim, foram o Voleibol, o Basquetebol, o Atletismo, o Badmínton e Escalada, e Dança, matéria obrigatória e escolhida pelo professor, no que toca aos estilos de dança. De acordo com os resultados dos alunos nas várias matérias e também com os registos e observações efetuadas por mim, relativamente à prestação dos alunos, defini como matéria prioritárias o Voleibol, e a Dança. Inicialmente a Escalada também foi uma matéria prioritária, no entanto, com o decorrer das aulas e das várias aprendizagens proporcionadas da matéria, os alunos evoluíram, passando mesmo a ser uma matéria forte da turma. Desta forma, ao nível do planeamento, houve um maior número de aulas destinadas às matérias prioritárias para elevar o nível de desempenho da turma.

Houve, durante o acompanhamento da turma ao longo do ano letivo, um caso muito especial e delicado de um aluno, com o qual tive de saber lidar e agir sobre ele. O aluno em questão é muito reservado, e isola-se frequentemente, e é extremamente inconstante relativamente à prática da EF. Este caso foi frequentemente debatido, tanto

com os encarregados de educação, como entre outros professores, nomeadamente em conselho de turma (CT). Acontece que o aluno teve este tipo de comportamento na maioria das disciplinas, sendo conseqüentemente prejudicado nas suas avaliações.

O aluno apesar dos comportamentos que evidenciava não tinha qualquer tipo de diagnóstico clínico que indicasse alguma doença do foro psicológico, no entanto, o aluno revelava muitas lacunas ao nível psicológico e social, nomeadamente na relação com os outros. O aluno tinha um comportamento bastante irregular nas aulas de EF, pois umas vezes realizava as tarefas e outras vezes isolava-se e não comunicava nem reagia às minhas intervenções. O aluno, por norma, realizava apenas parte da aula, recusando-se a desempenhar algumas tarefas.

No início pensei que o aluno apenas se recusava a praticar as atividades que não gostava. No entanto, o aluno mesmo gostando de alguma matéria isolava-se de igual forma, foi quando me comecei a aperceber que realmente havia algo de errado e anormal com o aluno.

Ao longo das aulas fui analisando este caso e percebi que o aluno socializava com apenas três alunos. Estes alunos eram os que mais apoiavam e motivavam o aluno, como tal, uma das estratégias que comecei a implementar foi a formação de grupos. Os grupos formados salvaguardavam, sempre que possível, que o aluno estivesse com os companheiros, sem que isso prejudicasse os outros três alunos e também os restantes alunos da turma.

Com o decorrer das aulas adotei outras duas estratégias, que por vezes resultaram, pois o aluno era muito resistente e quando se isolava era complicado movê-lo dessa situação. Uma das estratégias foi observar o aluno nas aulas e perceber qual a tarefa em que o aluno estava a praticar com maior motivação e após detetar a tarefa, tentar mantê-lo apenas nessa atividade. A segunda estratégia foi estar sempre atenta e procurar acompanhar o aluno e não desistir dele, motivá-lo e aproximá-lo o máximo possível da turma e das tarefas da aula, mesmo quando este se recusava a realizá-las. O sucesso das estratégias dependia muito da vontade do aluno e da motivação para a prática que ele possuía no dia da aula. Desta forma, foi muito complicado planear estratégias e conseguir tirar proveito do desempenho do aluno devido à sua irregularidade.

Foi também difícil classificá-lo positivamente no final de cada período, uma vez que havia ausência de parâmetros de avaliação. Com o decorrer do ano letivo, foi proposto em CT que a melhor solução para este aluno seria a existência de um acompanhamento mais pessoal e constante, por parte da escola. Com o objetivo de haver uma observação mais clínica para poder perceber se o aluno tinha ou não alguma doença psicológica e após realizar esse diagnóstico clínico partir para uma reformulação

do currículo do aluno, adaptando-o às suas características. No entanto, o aluno foi melhorando em alguns aspetos, nas várias disciplinas, inclusive na EF, e em trabalho conjunto com os encarregados de educação (EE), professores e diretor de turma, não foi extremamente necessário esse acompanhamento psicológico. O próprio aluno, quando exposto a uma opção relacionada com acompanhamento psicológico, recusava-se, começava a chorar e não comunicava, pelo que tentámos evitar ao máximo esse tipo de constrangimentos, optando por caminhos mais confortáveis e motivantes para o aluno.

Embora tenha sido uma tarefa complicada lidar com este aluno e avaliá-lo, considero que realizei um trabalho exemplar, com todos os recursos e estratégias que foram possíveis de aplicar, resultando em algumas melhorias significativas da parte do aluno, na disciplina de EF. Creio que criei uma ligação forte com o aluno, que fez com que ele se sentisse bem na minha presença, mesmo insistindo com ele para certas tarefas, principalmente as de avaliação, e que se foi verificando um aumento de motivação e da prática do aluno ao longo das aulas.

Estas situações são aprendizagens muito valiosas para um professor, pois por ser um caso raro, mas que pode acontecer a qualquer altura na vida de um professor. É necessário desenvolver uma capacidade de resolução de problemas e criação de estratégias, para poder lidar com uma situação deste género, para que o aluno nunca saia prejudicado, e que se possa tirar o máximo partido das suas capacidades, motivando-o sempre para a prática.

2.5 Experiências e Expetativas

A opção de ter escolhido a área do Desporto e EF teve origem há muitos anos. Desde sempre que tive muito interesse pelo desporto e pela EF, nomeadamente pelos desportos coletivos. Posto isto, a partir do 5º ano do ensino básico, comecei a praticar regularmente desporto, nomeadamente através do Desporto Escolar. Praticava vários desportos ao mesmo tempo, tentando conciliar os diversos horários. Os desportos aos quais mais me dediquei foram a orientação, onde ganhei alguns prémios a nível distrital e regional, a ginástica, com algumas medalhas também, voleibol e futebol. Durante todo o ensino básico pratiquei ginástica fora do DE, numa classe formada por uma professora da mesma escola que eu frequentava, e realizámos bastantes saraus e espetáculos. Esta fase da minha vida foi crucial para a minha decisão. A relação que estabelecia com os professores de EF, nomeadamente com a professora responsável pela classe de ginástica, era muito forte e foram sem dúvida a principal motivação e incentivo para seguir a área da EF e Desporto. Desde cedo que esta paixão pela área evoluiu e resultou

na decisão de querer ser professora de Educação Física ou ter alguma profissão relacionada com a área.

Quando entrei para o ensino secundário, continuei a praticar ginástica, entrei para o DE de voleibol e fazia alguns jogos pelo DE de futsal da escola. Entrei também nesse ano para o Futsal federado onde estive uma época e meia. Devido a uma lesão desportiva abandonei a Ginástica, no entanto após a recuperação voltei a investir no voleibol e integrei uma equipa federada. Ingressei no ensino superior na Escola Superior de Educação de Setúbal, no curso de Desporto. No último ano da licenciatura, fiz o estágio em treino desportivo, na modalidade de futebol. Foi a minha primeira experiência como treinadora e que exerci competências ligadas à profissão docente, na medida em que lecionei e treinei diversos conteúdos, neste caso específicos do futebol.

A paixão e interesse pelo desporto e pelo treino desportivo foi ultrapassada pela oportunidade de explorar o campo educativo, de poder proporcionar diversas aprendizagens e de partilhar conhecimentos, experiências diferentes a outros indivíduos. Assim, decidi ingressar no Mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos Básico e Secundário. A vontade de poder obter uma profissão especial e realmente útil na sociedade passou a ser um sonho e um desafio que queria alcançar e ultrapassar. Tal como afirma Savater (1997. p.16), a educação é o trabalho “mais humano e humanizador de todos”, mas que tem os seus limites e cumpre os seus melhores propósitos. A educação é valiosa e válida, “mas também é um ato de coragem, um passo em frente da valentia humana”. É uma grande responsabilidade ser-se professor, pois depende dele grande parte da formação e desenvolvimento humano. Como poderia eu querer outra profissão que não fosse a de ensinar e proporcionar todo um conjunto de situações repleto de experiências pedagógicas e envolventes, promotoras de um desenvolvimento positivo dos seres humanos? Assim, através da EF escolar é possível providenciar “uma ótima oportunidade para que todos os alunos participem em atividades físicas e desportivas de uma forma estruturada e regular” (Marques & Carreiro da Costa, 2013. p.109).

No início do estágio pedagógico desenvolvi diversas expetativas, nomeadamente em relação ao meu desempenho e prestação enquanto professora estagiária. Como tal, esperei que com esta experiência pedagógica pudesse ultrapassar os meus medos e superar as minhas dificuldades. Evoluir também na capacidade de trabalhar em grupo e poder partilhar conhecimentos não só com os professores mas também com os alunos, também era um dos meus objetivos de formação. Estava ciente de que não iria ser um ano fácil, seria com certeza um ano de muito trabalho, um ano exaustivo e com muita pressão, e que teria de ser necessário que nos

surpreendêssemos a nós próprios, com capacidades de superação e perseverança muito superiores às que estaríamos habituados.

Desta forma, foram também criadas expetativas para após terminar esta fase da minha vida académica, dando as boas-vindas ao mundo profissional na área que escolhi. Essas expetativas são sobretudo centradas na aplicação prática de todos os conhecimentos e conteúdos que adquirir ao longo do mestrado, centrados na educação. Pretendo desenvolver ainda mais as minhas capacidades adquiridas, no âmbito do planeamento, avaliação e sobretudo condução de ensino, evoluindo em cada experiência vivenciada. A nível profissional, espero ter um lugar no mercado de trabalho, para poder fazer valer a pena todo este trabalho desenvolvido.

3. ANÁLISE/REFLEXÃO CRÍTICA

O professor prático e reflexivo nunca se satisfaz com a sua prática, jamais a julga perfeita, concluída, sem possibilidade de aprimoramento. Está sempre em contato com outros profissionais, lê, observa, analisa para atender sempre melhor ao aluno, sujeito e objeto de sua ação docente. Se isso sempre foi verdade e exigência, hoje mais do que nunca, não atualizar-se é estagnar e retroceder (Hypolitto, 1999. p.204).

No sentido de promover a inovação e o aperfeiçoamento do conhecimento do professor e das suas atitudes, e sentido crítico e analítico, condicionando os seus valores e por sua vez as suas decisões relativamente às funções associadas á docência, um professor deve promover a sua própria formação contínua e investir nela regularmente (Onofre, 1996). Reconhecendo a importância de realizar uma formação contínua, por parte do professor, para obtenção do sucesso no desempenho da função docente, a elaboração de um Plano de Formação (PF) torna-se essencial no que toca à orientação e planeamento dessa ação docente, e no desenvolvimento e evolução profissional do professor estagiário.

Segundo o Guia de Estágio (2013), o PF organiza-se com base em dois propósitos: “constituir-se como uma orientação sistemática do quotidiano do processo de formação; e constituir-se como a plataforma para a construção do Relatório Final de Estágio”. Após o levantamento de todas as competências que são alvo de formação no estágio pedagógico e de analisar todas as controversas e implicações que cada um acarreta, o estagiário deverá estipular temporalmente as atividades a que se propõe realizar, bem como as competências que lhes estão associadas e que devem ser adquiridas. Desta forma, é através do PF que o professor estagiário traça todo o seu

percurso de estágio, tomando atempadamente decisões em diversas dimensões, definindo as suas tarefas e a forma como serão realizadas.

O estágio pedagógico, embora dividido em diversas áreas de intervenção, é uma unidade única de formação, com interligação entre todas as áreas, de modo a contemplar uma panóplia de capacidades e competências que o professor estagiário deverá atingir após a realização do mesmo. Desta forma, será realizada uma reflexão crítica sobre todo o processo de estágio, interligando todas as áreas e subáreas inseridas no mesmo, destacando as que foram mais pertinentes e relevantes para o professor estagiário, ao nível profissional, académico e pessoal, no processo de estágio.

Segundo Vasconcellos (1995, citado por Hypolitto, 1999. p.205) cada professor estagiário deverá adotar uma postura ativa, enquanto educador, baseada em alguns pressupostos, como por exemplo,

Conhecer, acolher criticamente, buscar o aprofundamento da proposta da escola; Procurar unidade de ação com os colegas; Postura de investigação em relação à sua disciplina; Abertura; não querer ser o dono da verdade; Ser observador; Saber ouvir; Confiar nos companheiros; Disponibilidade para aprender; Desenvolver a postura interdisciplinar. E assim, admitir que uma reflexão crítica, constante e sistemática, sobre a prática é essencial para um trabalho que se quer transformador. Desta forma, a reflexão crítica apresentada em seguida será com base no PF elaborado, verificando o cumprimento dos objetivos em cada área de intervenção e as respetivas facilidades, dificuldades e superação dessas mesmas dificuldades.

3.1 Área 1

O êxito nas aprendizagens escolares depende, em grande parte, da qualidade do ensino, isto é, da competência do professor em criar condições de sucesso aos alunos. Importa por isso, que as decisões relativas à organização e condução de ensino sejam tomadas a partir do conhecimento dos fatores que concorrem para a estruturação de situações que facilitem e promovam as aprendizagens escolares. (Carreiro da Costa, 1984. p.22)

Assim, é essencial que o professor se inteire de todos os fatores influenciadores e relevantes para as suas práticas letivas, devendo procurar tomar as decisões sempre de acordo com os alunos. A Área 1 é a área mais importante e valorizada no estágio pedagógico, pois nela residem as principais decisões, relacionadas com a organização e gestão do ensino e aprendizagem. É através dela que toda a formação e desenvolvimento profissional e académico, no âmbito letivo, se desenrolam, uma vez

que estamos em contato direto com os alunos. Existe por isso, uma responsabilidade acrescida nesta área, pois cada professor estagiário deve proporcionar e assegurar as condições favoráveis às aprendizagens dos alunos, estruturando as diversas situações de modo a facilitar o desenvolvimento e evolução dos alunos. Desenvolvemos assim, nesta área, diversas competências e capacidades essenciais para sermos profissionais e docentes de sucesso no contexto educativo. Esta é a área mais exaustiva e que ocupa grande parte do tempo do professor estagiário, é em torno do seu horário com a turma em questão que se define as restantes horas, pertencentes ao estágio pedagógico, nas restantes áreas de intervenção. Esta área subdivide-se em três subáreas: Planeamento, Condução de Ensino e Avaliação.

3.1.1 *Planeamento*

O estágio iniciou a 2 de setembro de 2014, como já referido e o período de tempo entre esse dia e o início efetivo das aulas foi repleto de atividades e tarefas importantes, que contribuíram para uma melhor contextualização do NE na comunidade educativa e no âmbito escolar onde se desenrolou o estágio. Foi portanto, nestas semanas que se realizou uma adequada integração do NE, conhecendo o DEF e os diversos documentos pertencentes ao mesmo e afetos à EF.

Quando o período letivo iniciou, conheci a turma com a qual iria passar grande parte do tempo de estágio, a turma a quem iria lecionar as aulas. Também tive a primeira interação com o Diretor de Turma dos meus alunos, com o qual iria trabalhar no âmbito da área 4, estabelecendo as ligações entre a escola e a família, nomeadamente os encarregados de educação.

Uma vez efetuada toda a contextualização no âmbito educativo, já estavam reunidas todas as condições para começar a planear o ano letivo em questão. O planeamento efetuado foi dividido em quatro etapas: a Etapa 0 – Avaliação Inicial (AI), que correspondeu ao período de avaliação inicial, no qual se recolheu dados fundamentais que orientaram o trabalho a desenvolver no resto do ano letivo. A Etapa 1 – Revisão e Aprendizagem, diz respeito a uma etapa onde se pretendeu rever conteúdos e aprendizagens base das várias matérias, e que sem essas aprendizagens, do nível mais introdutório, seria complicado progredir para níveis e conteúdos mais complexos. Também nesta etapa, se introduziu gradualmente novos conteúdos. A Etapa 2 – Aprendizagem e Desenvolvimento, na qual se pretendeu desenvolver as aprendizagens adquiridas na etapa anterior e também a introdução de novos conteúdos. Esta etapa pressupõe uma maior percentagem de Instrução, devido aos novos conteúdos, mas também de *feedbacks* e correção de erros. Por fim, a Etapa 3 – Revisão

e Consolidação, na qual, após as aprendizagens adquiridas nas etapas anteriores, realizou-se uma revisão e consolidação desses conteúdos e consolidá-los nos alunos, de modo a preparar e projetar o próximo ano letivo.

A primeira tarefa de estágio foi realizada ainda antes do início das aulas, uma vez que se tratava do plano de Etapa 0, de AI.

A avaliação dos alunos deve ser vista com um instrumento de regulação do processo de ensino-aprendizagem, de forma a orientar tanto a ação pedagógica do professor como a atividade que o aluno realiza em termos de aprendizagem. No âmbito das variadas definições sobre avaliação, o processo de avaliação pressupõe uma decisão na base de um juízo de valor, formulado sobre um processo de recolha de dados, de acordo com critérios bem definidos.

Cortesão (2002) defende que a AI serve para identificar as competências dos alunos no início de uma fase de trabalho e colocar o aluno num grupo ou num nível de aprendizagem e/ou prever a sua evolução ao longo do tempo.

Desta forma, a recolha do máximo de informação e aferição do nível dos alunos nas diferentes matérias a avaliar, foi uma tarefa na qual revelei algumas dificuldades. Considero que ainda não tinha as competências e aptidões bem desenvolvidas neste ponto, nomeadamente na realização dos prognósticos e no planeamento das aulas de acordo com as características da turma, e também no registo fluido do desempenho dos alunos e no fornecimento de *feedbacks* durante a observação.

Como professora estagiária, a experiência em lecionação e em avaliar alunos era escassa. Nesse sentido, previ então que seria ser complicado conciliar a observação e registo da execução dos alunos com uma intervenção ativa baseada em *feedbacks*. A minha preocupação nesta fase foi sobretudo a gestão e organização da aula e a avaliação inicial dos alunos, não descurando o fornecimento frequente de alguns *feedbacks* absolutamente necessários. Como tal, defini algumas estratégias. Propus-me a predefinir os grupos de trabalho e a colocá-los nas fichas de observação e registo. Optei também por observar mais prolongadamente os alunos ao invés de estar constantemente a registar o seu desempenho. Estas estratégias resultaram em sucesso, na medida em que, tendo os grupos predefinidos foi mais fácil identificar os alunos e registar as suas execuções. O facto de observar mais, tirar uma primeira conclusão do que foi presenciado e depois registar o desempenho do aluno na ficha de registo, possibilitou o fornecimento de um maior número de *feedback* aos alunos. No entanto, no início da etapa 1, deparei-me que alguns dos níveis que foram diagnosticados aos alunos não corresponderam rigorosamente ao nível real dos alunos. Esta situação poderia estar relacionada com a curta duração da etapa e com a particularidade de, nesta etapa, se avaliar um conjunto numeroso de matérias em

apenas 6 semanas, no máximo. Este facto condicionou a observação e o registo, uma vez que os alunos são observados menos vezes numa determinada matéria, contrariamente ao que sucedeu nas etapas seguintes, nas quais havia um tempo mais alargado para a observação, possibilitando um maior número de registos de cada alunos nas várias matérias.

A AI assume-se assim como uma base essencial ao processo de ensino-aprendizagem conduzido pelo professor e desenvolvido com os alunos, ao longo do ano letivo. Através desta etapa é possível ter uma perceção dos objetivos individuais por aluno. Desta forma, a AI apresenta uma função muito importante, possibilita delinear objetivos possíveis, que respeitem as necessidades e nível dos alunos, e incentivando á superação das suas dificuldades e a potenciar as suas capacidades. A AI foi realizada através da aplicação do PAI, documento orientador que contém as situações de avaliação que diagnosticam os alunos nos determinados níveis de desempenho.

Respeitando a ordem cronológica das tarefas avaliativas no âmbito das aprendizagens, no início do ano letivo somos confrontados com a necessidade de orientar o processo de ensino-aprendizagem, de escolher e definir os objetivos que vamos perseguir, i. e, saber qual a direção a imprimir ao percurso de desenvolvimento dos alunos. (Carvalho, 1994. p.137).

Segundo a autora citada acima, a avaliação enquadra os alunos de acordo com os PNEF. Os alunos deverão ser confrontados com o máximo de matérias possíveis de EF, contando com as adaptações que o DEF efetuou na elaboração do Plano Curricular da escola, e Plano Plurianual dos diferentes anos de escolaridade. Assim, a realização do protocolo de avaliação inicial é logicamente da responsabilidade do departamento de Educação Física.

Segundo Carvalho (1994) a necessidade de orientar e de programar o processo de ensino-aprendizagem, de estipular os objetivos e direccionar o percurso de desenvolvimento dos alunos, surge logo no início do ano letivo, e como tal, deve ser da preocupação dos professores dispor de um protocolo igual e utilizado por todos os docentes, de forma a poderem avaliar os alunos de maneira idêntica. Esse protocolo deve estar elaborado e aprovado em departamento logo no início do ano.

O PAI da ESC, como já referido anteriormente, estava simplificado e era de fácil aplicação, no entanto, em algumas das matérias não era específico, relativamente aos objetivos a atingir e às situações de aprendizagem/avaliação a realizar. Desta forma, foi necessária uma leitura assídua e exaustiva dos PNEF e também uma pesquisa acerca de exercícios de avaliação.

Segundo os PNEF (2001), na aplicação do protocolo são considerados três objetivos gerais. Após a recolha de informação, torna-se importante diagnosticar para

poder prognosticar e em seguida projetar as metas a atingir pelos alunos. Para colocar em prática o PAI, o professor deverá procurar aperceber-se, no contexto da aula de EF e num período relativamente alargado (4 a 6 semanas), da forma como os alunos aprendem, do nível onde estes se situam em relação ao programa previsto para o ano de escolaridade e estar atento às suas possibilidades de desenvolvimento e evolução. E desta forma, garantir que toma as decisões de orientação e organização mais acertadas (PNEF, 2001). O professor deverá certificar-se que acompanha continuamente o processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos, com atenção e rigor em todos os aspetos pertinentes relacionados com esse processo. Considero que, durante esta fase, procurei estar constantemente atenta ao desempenho dos meus alunos, realizando várias observações e registo dos alunos nos vários objetivos, para poder realizar da melhor forma os respetivos diagnósticos e prognósticos.

Para que este processo decorra da melhor forma, o professor terá de elaborar diversas estratégias. Estratégias essas relacionadas com os estilos de ensino a utilizar, com a movimentação do professor pela sala de aula, com a forma de abordar e avaliar os alunos, com a resolução de problemas e criação de rotinas, entre outras. Estas estratégias terão de ser aplicadas e adaptadas constantemente aos alunos, uma vez que as aulas e o desempenho dos mesmos apresentam um carácter irregular, e as atitudes e resposta dos alunos podem alterar de aula para aula. Para tal o professor tem de conhecer os seus alunos e começar a delinear um percurso próprio de cada um, começando já nesta fase a diferenciar o ensino. E assim, permite uma melhor aprendizagem, por parte dos alunos, dos conteúdos planeados para a aula.

Assim, para esta etapa destaquei também, para além das que foram referidas, algumas fragilidades relacionadas com a organização da mesma, nomeadamente em relação à distribuição temporal das matérias, de forma lógica e coerente, e de modo a realizar esta etapa dentro do tempo estipulado, pois sendo uma etapa de avaliação inicial, esta não deveria alargar-se por mais de 6 semanas. Naturalmente, foi necessário estabelecer algumas estratégias para combater estas dificuldades, tais como a realização do inventário do material e também a elaboração de uma tabela com a polivalência dos espaços. Estes documentos contribuíram significativamente para que fossem ultrapassadas as dificuldades apresentadas, na medida em que, através da tabela de polivalência dos espaços e também com a rotação dos espaços definida para aquele período letivo, foi possível realizar uma distribuição das matérias da forma mais correta e lógica. A tabela indicava as potencialidades de cada espaço para a lecionação das várias matérias, o que auxiliou bastante o planeamento das aulas. Desta forma, bastava saber em que espaço seria a aula para poder definir as matérias que poderiam ser abordadas nesse mesmo espaço.

O tempo desta etapa enquadrou-se no que estava previsto nos PNEF, conseguindo assim cumprir esse objetivo. Este sucesso foi alcançado devido ao facto da distribuição temporal da etapa ter sido realizada da forma mais acertada. Ou seja, através de uma combinação de matérias que podem ser avaliadas e observadas num mesmo espaço e numa mesma aula, foi possível avaliar todas as matérias pertencentes ao PAI nas 6 primeiras semanas do período letivo.

Ainda nesta etapa de aprendizagem, a adaptação das situações de aprendizagem às dificuldades dos alunos e às suas possibilidades de desenvolvimento, constituíram uma fragilidade que previ ter neste período de tempo.

Um professor depara-se com o desafio, no início do ano letivo, de receber novos alunos e como tal, é importante que o ensino seja diferenciado desde cedo. Segundo Heacox (2006. p.10) “diferenciar o ensino significa alterar o ritmo, o nível ou o género de instrução que o professor pratica, em resposta às necessidades, aos estilos ou aos interesses de cada aluno”.

A adaptação perfeita das situações de aprendizagem aos alunos, não é uma tarefa fácil, pois por vezes os alunos aparentam conseguir executar determinada tarefa, mas na prática revelam dificuldades e não têm o desempenho esperado e desejado. Por essa razão, também os alunos com melhor desempenho quando se agrupam a outros com menores capacidades, sentem dificuldades em acompanhar os exercícios e podem desmotivar mais facilmente refletindo-se no seu desempenho. Defini como estratégia o planeamento dos exercícios sempre de acordo com os grupos de nível ao invés de elaborar planos de aula com muitos exercícios que englobassem a turma na sua totalidade. Desta forma garanti regularmente uma adequada adaptação, possibilitando uma melhor observação dos alunos, estando atenta à sua evolução e desenvolvimento ao longo das aulas. Esta estratégia resultou muito bem. A probabilidade de errar na escolha dos exercícios e no registo do desempenho dos alunos foi diminuindo de aula para aula. Contrariamente à minha capacidade de fazer adaptações dos exercícios no momento de prática dos mesmos, que aumentou com o decorrer das aulas.

Segundo Carvalho (1994), ao planear estamos a prever a forma como iremos utilizar os meios disponíveis para que os alunos cumpram os objetivos previstos para eles e adequados às suas necessidades e capacidades. Desta forma, é após a AI que o PAT é esboçado, e assim, cada uma das etapas pertencentes são especificadas após a avaliação das etapas de ensino-aprendizagem anteriores (Carvalho, 1994). Assim, a elaboração do PAT, para a turma E do 11º ano, foi realizada após a recolha de dados acerca do desempenho dos alunos nas várias áreas e matérias. Esse registo de informação pertence à primeira etapa de aprendizagem, a Etapa 0 – AI. Neste

seguimento, o professor deve selecionar os objetivos do programa, adequados às possibilidades dos alunos, escolhendo também as melhores estratégias e avaliando os resultados e progresso dos alunos (Carvalho & Mira, 1990). A estruturação do PAT baseou-se também no plano plurianual, pré-definido para o ano de escolaridade em questão, neste caso, o 11º ano. Como tal, uma dificuldade que eu apontei para esta tarefa esteve, mais uma vez, relacionada com a correta distribuição das matérias, ao longo do ano, de forma a potenciar as aprendizagens dos alunos, estabelecendo um carácter coerente e lógico entre as aulas, justificando as escolhas efetuadas. Propus, à semelhança do que foi efetuado no plano de Etapa 0, como estratégia o recurso à tabela de polivalência dos espaços para auxiliar na distribuição das matérias pelos espaços de aula, a recolha correta de dados dos alunos para obter informação válida, relativamente à AI, e planear segundo as necessidades dos alunos, e de acordo com a sequência de objetivos estipulados para os alunos. O facto de ter realizado um correto balanço da etapa 0, de AI, possibilitou definir as matérias prioritárias. Este foi o primeiro passo para a elaboração do PAT, na medida em que essas matérias necessitam de um maior número de aulas comparativamente às restantes. Desta forma, recorrendo à rotação de espaços e à tabela de polivalência dos mesmos, o processo de distribuição das matérias foi mais facilitado.

Os restantes planos das várias etapas foram elaborados após o PAT e foram organizados de forma sequencial entre eles. Na realização dos planos de etapa, revelei algumas debilidades no que respeita à atribuição de um nível de prognóstico. Destaquei estas dificuldades na medida em que considerava ser complicado realizar um prognóstico acertado, que orientasse na perfeição o ensino, pois por vezes os alunos são inconstantes nas suas aprendizagens. Uma vez que a observação objetiva e sistemática é influenciada e condicionada pelo facto do professor repartir a sua atenção por diversos indivíduos e tarefas (Estrela, 1984) seria uma tarefa árdua definir os objetivos que um aluno realmente iria atingir no final de cada etapa e no final do ano, influenciando a atribuição dos diagnósticos e prognósticos. Esta tarefa tornou-se um pouco complicada, nomeadamente na transição da etapa 0 para a etapa 1, tendo verificado que alguns dos diagnósticos e respetivos prognósticos realizados não correspondiam efetivamente à realidade, talvez pela minha falta de experiência.

Consequentemente, na etapa 1, foram necessárias adaptações das situações de aprendizagem para esses alunos. Modificações que até resultaram relativamente bem e que contribuíram para desenvolver a minha capacidade de planeamento e reformulação de situações de aprendizagem ineficazes.

Na passagem da Etapa 1 para a 2, o processo de prognóstico dos alunos foi mais fácil. As avaliações foram realizadas com tempo suficiente para recuperação de

alunos e observação rigorosa de toda a turma. Como tal, os prognósticos foram corretos em relação ao nível real dos alunos e por essa razão, as situações de aprendizagem também estiveram adequadas. Na transição da etapa 2 para a 3, após a realização do balanço da etapa 2, este processo de avaliação e aferição de níveis foi ainda mais fácil. A partir da etapa 2 o planeamento começou a ser realizado na forma de unidades de ensino (UE), documentos nos quais as aulas são agrupadas e planeadas com objetivos semelhantes entre si, nas diferentes matérias. Também ao longo desta etapa, etapa 2, realizei um conjunto numeroso de registos dos alunos, e elaborei para cada término de unidade de ensino uma ficha individual para cada um dos alunos, que explicitava todos os objetivos individuais que lhes foram propostos e o estado atual em que o aluno se encontrava no momento. Continha ainda a informação do que teria de melhorar para atingir o objetivo. Desta forma, foi possível verificar regularmente o cumprimento das metas definidas para os alunos ao mesmo tempo que se analisava o percurso do aluno até à data. Essa ficha foi fornecida aos alunos, em cada momento de avaliação formativa (AF), de forma a perceberem o que tinham de corrigir para poder atingir os diversos objetivos definidos, orientando o seu desempenho nesse sentido.

Assim sendo, a aferição dos níveis foi uma tarefa que considero ter sido realizada da forma mais correta e organizada possível. Logicamente que existem sempre alguns alunos que suscitam alguma dúvida no momento de avaliação ou aferição de níveis, e nessas situações, aproveitando a grande valência de estarmos num estágio pedagógico, procurei aconselhar-me perante o meu orientador de estágio e colega de estágio, para eliminação de qualquer dúvida que surgisse.

A importância das UE está relacionada com o facto de serem uma ferramenta exemplar e eficaz de organização do ensino e dos objetivos. Segundo Bento (1998, citado por Gomes, 2004), o plano de uma unidade de ensino deverá sempre englobar os objetivos a alcançar, a estruturação didática das matérias, a função e tarefas didáticas das diferentes aulas e o emprego de meios e materiais de ensino. Januário (1984, citado por Gomes, 2004) refere cinco etapas que os professores devem ter em conta na construção de uma UE: “formulação de objetivos comportamentais terminais (...); estruturação de conteúdos (...); mobilização e disposição dos recursos (...); avaliação (...); estratégia geral”. Um professor deve estabelecer um plano que contenha os objetivos a alcançar, selecionando as prioridades de ensino (matérias e conteúdos), estruturando as tarefas de aprendizagem, maximizando os espaços e materiais disponíveis. Posto isto, tal como foi realizado no estágio, deve-se proceder para uma avaliação regular e sistemática do processo ensino-aprendizagem. Por último, é importante que cada plano de UE contenha a informação acerca da organização e abordagem das matérias presentes na mesma. Foi portanto, sobre estes pressupostos

que os planos das UE se delinearam. Cumprindo as várias fases descritas, de modo a obter um plano de UE completo e objetivo.

Esta tarefa de planeamento foi numa fase inicial, difícil de concretizar, na medida em que, ao nível académico apenas abordámos o conceito de UE de forma geral. Como tal, não tinha experiência em elaborar este tipo de planos, tão pormenorizados, em que era necessário agrupar um grupo de matérias, durante um determinado tempo e aulas, e definir os conteúdos e objetivos a trabalhar. No entanto, após perceber e dominar os pressupostos de uma unidade de ensino, o processo de realização das mesmas tornou-se mais simples e claro.

Este tipo de organização é uma mais-valia para garantir a qualidade do ensino. Uma vez definidos e distribuídos os objetivos para os diversos alunos e grupos de nível, o processo ensino-aprendizagem foi decorrido de forma natural, sistemática e gradual, proporcionando uma evolução contínua dos alunos nas diferentes matérias. Dessa forma, o desenvolvimento dos alunos nas várias matérias é progressivo, resultando, na maioria dos casos, em melhorias significativas ao nível do desempenho. Considero que a distribuição temporal e organizada que realizei dos objetivos pelas UE foi adequada aos alunos e aos espaços letivos, de tal forma que não houve praticamente alterações ao nível do planeamento, constatado no balanço da etapa 2. É de salientar que houve mais modificações quando o planeamento foi concretizado por meio de planos de aula, ao invés de quando este foi estruturado sob a forma de unidades de ensino. Possivelmente, esta particularidade deveu-se ao facto dos objetivos específicos para cada aluno ou grupo de nível, quando definidos e distribuídos pelas UE, terem um prazo mais alargado para serem alcançados. Contrariamente, quando o planeamento foi discriminado apenas em forma de planos de aula originava um desvio acrescido na lógica e progressão das aprendizagens propostas.

O facto de já conhecer bem os alunos e os objetivos individuais de cada um facilitou todo o processo avaliativo e a lecionação das aulas e contribuiu para uma maior diferenciação e adaptabilidade do ensino. No entanto, para que exista essa diferenciação do ensino, de forma adequada, é necessário mobilizar os recursos segundo as necessidades e características das turmas e em função das suas aprendizagens. Explicitando melhor, é preciso admitir que cada aluno é um ser individual e social, com características próprias e dinâmicas e ritmos de aprendizagem distintos. O ensino deve ser adaptado aos alunos e às suas capacidades de evolução, como tal, por vezes é necessário fazer alterações às situações de aprendizagem das aulas, segundo os recursos que temos, para que os alunos possam evoluir e desenvolver-se segundo as suas necessidades e capacidades. Dessa forma, o plano de aula deve servir apenas de orientação do professor, estando sempre sujeito a alterações. Desta forma,

propus-me a elaborar de forma antecipada, situações alternativas ou variantes de facilidade ou dificuldade, para corresponder às necessidades dos alunos. Ao longo do ano letivo, desenvolvi significativamente a capacidade de adaptar rapidamente os exercícios inapropriados. Esta capacidade deve ser desenvolvida sistematicamente ao longo da carreira de um professor, na medida em que, a falta de organização e tomada de decisões colocam em causa toda a sessão de ensino e a sua estrutura, pois despende-se tempo a tentar criar soluções viáveis e que não desviem o processo ensino aprendizagem dos objetivos definidos para a sessão.

Desta forma, o professor deverá prever um conjunto de soluções e estratégias caso aconteçam determinadas situações inesperadas na sala de aula, para que o tempo de alteração seja minimizado e as aprendizagens estejam asseguradas.

Ao longo de todo o estágio, foram também definidos, através dos planos de etapa e das UE, os estilos de ensino a utilizar em cada uma das UE e as diversas formas de abordagem das matérias.

Segundo Mosston (1966, citado por Moura, 2009), os estilos de ensino baseiam-se na tomada de decisões, relacionadas com as fases de planeamento, orientação e controle de aprendizagem. É de ressaltar que, na prática, muitos estilos de ensino podem coexistir, sendo difícil encontrar uma aplicação integral de um dos estilos. Sendo professores estagiários, principiantes na prática de ensino, a variação dos estilos de ensino não é uma ação regular, por não subsistir um elevado domínio da prática letiva, e por essa razão, cingimo-nos apenas a alguns estilos, mais convergentes ou seja, centrados no professor. A preocupação é inevitavelmente o controlo e gestão da turma, e só após esse aspeto estar resolvido é que se torna possível a exploração de novos métodos e abordagens para o ensino. No entanto, posso afirmar que com a minha turma, explorei em algumas situações, a autonomia dos alunos, em algumas matérias, delegando diferentes tarefas e responsabilidades. Na matéria de Escalada por exemplo, forneci uma formação mais intensiva aos alunos, nomeadamente ao nível da segurança, para que estes ficassem autónomos sempre que essa matéria fosse abordada, e tivessem a capacidade de realizar uma aprendizagem recíproca, corrigindo-se e ajudando-se uns aos outros. Também noutras matérias, nomeadamente quando as aulas decorreram no exterior, deleguei a função de organização e condução de determinadas tarefas, funcionando muito bem. Considero por isso, que tive uma turma que revelou um grau de maturidade e responsabilidade bastante satisfatório e que possibilitou esta delegação de cargos durante as sessões de ensino, havendo sempre um bom controlo geral da turma e uma boa organização das diversas tarefas a desempenhar na aula. No entanto, mantive sempre um controlo e supervisão ativos durante a aula, verificando se a tarefa que foi solicitada estava a ser cumprida

corretamente, tanto pela parte dos alunos que ficaram responsáveis pela estação de trabalho como por parte dos alunos, que realizam a tarefa.

Segundo o Guia de estágio (2013), o professor estagiário deve garantir “que as decisões dos diferentes níveis de planeamento (turma, etapa, unidade de ensino) formam entre si uma unidade coerente, assegurando a diferenciação e progressão das aprendizagens necessária ao sucesso dos alunos, de acordo com os dados da avaliação formativa, (inicial e contínua) e sumativa”. Na etapa 1, com o decorrer das aulas, fui detetando algumas falhas nos diagnósticos e prognósticos, pelo que foi necessária a reformulação de alguns objetivos em determinadas matérias. Felizmente as alterações efetuadas não colocaram em causa a interligação entre os planos, pois as mudanças que existiram estiveram relacionadas com os prognósticos, baseados na AI e foram apenas em alguns alunos. Como tal, essa situação promoveu o sucesso dos alunos e uma diferenciação do ensino mais adequada.

Os vários tipos de avaliação, inerentes ao planeamento, foram estruturados sempre com um intuito lógico e coerente, na medida em que o planeamento de uma etapa ou UE era realizado com base nos resultados, registos e avaliações obtidas nas etapas ou UE anteriores. E assim garantir que todos os documentos foram contruídos sob o mesmo propósito, formando uma unidade lógica e consistente, de acordo com as necessidades de capacidades dos alunos.

No que respeita ao planeamento, o trabalho em grupo é essencial, na medida em que todos nós docentes contribuimos juntos para um objetivo comum e de grandes dimensões, o sucesso escolar e o desenvolvimento do aluno em diversos níveis. Tal como afirma Fieman-Nemser (1990, citado por Albuquerque, Graça, Januário, 2005. p.29), “aprende-se a ensinar através de uma combinação de experiências, diretas e indiretas, com colegas e mentores, sobre situações problemáticas”. Como tal, cada estagiário deve, ao longo de todo o ano letivo, aconselhar-se junto dos professores orientadores e colegas, para resolver diversas situações, neste caso, relacionadas com o planeamento, para que as decisões nesse campo sejam as mais corretas e adequadas aos alunos e aos pressupostos da Educação Física na escola.

3.1.2 Condução do Ensino

Segundo Carreiro da Costa (1984), o conceito de eficácia no ensino tem evoluído, consoante as várias concepções e fases por que tem passado a investigação neste sentido. As preocupações mais atuais dos investigadores, centram-se na observação sistemática do processo de interação pedagógica, entre a atividade do professor e a atividade do aluno, na sala de aula, com o pressuposto de identificar as

relações vigentes com o produto das aprendizagens, com base nas modificações que os alunos manifestam a curto e a longo prazo.

Desta forma, ainda segundo o mesmo autor que se baseou noutros estudos de investigação nesta área, a atividade pedagógica do professor influencia a atividade pedagógica do aluno, sendo esta a responsável direta pelo nível alcançado nas aprendizagens. Neste seguimento, a condução de ensino é a área mais influente nas aprendizagens dos alunos, onde o professor tem uma elevada responsabilidade na orientação e gestão do ensino, e é a partir da forma como essa gestão e organização é realizada, que se verifica o alcance ou desvio das metas e objetivos propostos para os alunos. Pois um professor pode planejar, de forma cuidada e coerente as sessões de ensino, de acordo com os objetivos que pretende, mas na prática não conseguir transmitir corretamente esses conhecimentos e conteúdos. Por essa razão, procurei ao longo de todo o estágio ser extremamente competente e objetiva na lecionação dos vários conteúdos pertencentes às diferentes áreas e matérias da disciplina de EF, para que fossem cumpridos todos os pressupostos do planeamento efetuado para a turma, de acordo com as características, necessidades e capacidades dos meus alunos.

Posto isto, a primeira tarefa a realizar no âmbito deste objetivo, concretiza-se no início do ano, com o estabelecimento de rotinas organizativas e de gestão da aula e da turma. Relativamente à criação de rotinas creio que foi uma tarefa relativamente fácil, aproveitando as competências desenvolvidas, através da minha função de treinadora de uma equipa num clube desportivo, neste aspeto organizativo.

Na primeira etapa de aprendizagem do estágio, no que diz respeito a outras medidas de organização e gestão da aula, aponte algumas fragilidades. Embora conheça alguns procedimentos de organização e gestão da aula, considero que por vezes não tinha um controlo acertado e adequado da turma como desejaria. Em alguns momentos, a turma tinha tendência a dispersar-se e como tal devia impor-me mais perante os alunos e ser mais rígida em diversos aspetos, para não perder o controlo da turma. Na segunda etapa de formação, uma vez que a relação com os alunos da turma melhorou cada vez mais, o processo organizativo e o cumprimento das rotinas estabelecidas melhorou significativamente. Na maioria das aulas, fiz cumprir as várias rotinas pré-definidas no início do ano, controlando constantemente a turma, evitando assim comportamentos de desvio e situações de indisciplina. Em termos de organização considero que incuti um nível elevado de organização das aulas, possibilitando um bom controlo geral da sessão, inclusive o cumprimento dos planos de aula.

As medidas organizativas e procedimentos de gestão de aula têm a sua origem nos planos de aula, ou seja, se estes englobarem a forma de organização da turma nas diversas atividades, o processo de controlo e gestão da aula é facilitado, aumentando

também assim o tempo de prática dos alunos. Segundo Carreiro da Costa (1984. p.23), “o controlo da atividade pedagógica dos alunos é um fator a considerar.” A permissividade, a espontaneidade e a falta de controlo por parte do professor sobre a turma, tem repercussões negativas, inibindo não só a aprendizagem mas também o desenvolvimento dos alunos no campo afetivo. Nesse aspeto, procurei elaborar sempre planos de aula e de unidade de ensino (no caso da segunda etapa) completos e que fossem explícitos na forma de abordagem das matérias, para que na prática, um bom clima de aprendizagem e afetivo entre os alunos fosse presenciado, juntamente com uma boa organização e controlo da sessão. A evolução neste ponto será melhor explicitada mais adiante quando forem abordados os resultados das aulas filmadas. Um aspeto que auxiliou bastante na melhoria desta capacidade de controlo da turma e minimização de comportamentos de desvio foi o trabalho por unidades de ensino. Este tipo de organização possibilitou a ausência do “Plano de aula”, que de certa forma limitava o meu comportamento e a minha atenção. Uma vez que apenas tinha os objetivos a trabalhar com os alunos, pertencentes à unidade de ensino em questão, possibilitava-me centrar a minha atenção noutros aspetos que antes, por estar preocupada em cumprir o plano de aula, não tomava. Esses outros aspetos estão relacionados com o comportamento dos alunos, estando mais atenta e não ignorando diversos comportamentos. Considero assim, que esta minha evolução foi muito positiva, pois garanti uma turma controlada e organizada.

Com o decorrer das várias sessões de ensino, fui-me apercebendo de algo inevitável, mas que carece de preocupação e investimento: o domínio das matérias a lecionar. Deparei-me algumas vezes com a dificuldade em dominar e aplicar os vários princípios pedagógicos e procedimentos didáticos de determinadas matérias. Defini então um conjunto de estratégias para eliminar essa dificuldade e enriquecer a minha formação, nomeadamente procurar formação junto de outros professores experientes das diversas modalidades para potenciar a aprendizagem. As matérias nas quais me senti com menos aptidão e competência em lecionar foram o Atletismo e o Badminton, pois apenas dominava aspetos básicos das matérias e nunca me tinha debruçado sobre as várias progressões pedagógicas, adequadas ao ensino. Como tal, realizei uma pequena formação de Badminton, com um professor especialista, de forma a elucidar-me acerca das formas de abordagens e os tipos de progressões existentes. Para a matéria de Atletismo e conseqüentemente para todas as outras matérias, realizei uma pesquisa intensiva de formas de abordagens, diversos exercícios para trabalhar variados objetivos, fiz também uma seleção de exercícios que auxiliaram significativamente a elaboração dos planos de etapa e respetivas unidades de ensino. Desta forma, evitei a monotonia que poderia existir por vezes nas aulas, em relação à

repetição de exercícios, e também reformulei exercícios ineficazes e substituí alguns por outros mais adequados e eficientes, que resultaram num aumento significativo do desempenho dos alunos nas várias matérias. Assim sendo, garantindo um conjunto diferenciado de situações de aprendizagem foi possível variar as sessões de ensino e por vezes, a troca de um exercício ineficaz por outro mais eficaz refletiu-se numa melhoria significativa da prestação de determinados alunos. E assim, a diferenciação do ensino fica assegurada.

De acordo com o Guia de Estágio (2013-2014), para que todas as decisões e objetivos de lecionação sejam cumpridos, um professor “deve utilizar e justificar os procedimentos de informação sobre as atividades da aula de modo a assegurar a sua compreensão pelos alunos”. Os alunos têm direito a saber para que objetivos estão a trabalhar, e como tal, cada professor deve expor esses mesmos objetivos e respetivas atividades e a garantir que os alunos compreendem o que é pretendido. Deve estruturar a atividade dos alunos de maneira a aumentar o tempo de prática, mantendo-os empenhados nas tarefas de aula, informando, “clara e concisamente o que fazer, onde e porquê” (Carreiro da Costa, 1984. p.23), tornando-se um professor eficaz, pois verá com certeza concretizados os objetivos que propôs aos seus alunos.

Na primeira etapa de formação, tive sempre esta preocupação e por essa razão procurei realizar sempre uma instrução objetiva e explicativa sobre as atividades da aula, realizando um acompanhamento das aprendizagens dos alunos durante a aula, recorrendo à demonstração e ao questionamento. Mantive regularmente, ao longo do estágio pedagógico, esta atitude, centrada nos alunos e na evolução destes, aumentando o meu conhecimento acerca de algumas matérias, das quais não domino completamente, nomeadamente o Atletismo e Badminton, através da necessária pesquisa e formação, proporcionando assim um ensino com maior qualidade.

Para que os níveis de empenhamento e motivação dos alunos sejam elevados, é necessário um acompanhamento ativo da atividade dos alunos. Como tal, para concretizar essa tarefa tive alguns aspetos em conta, nomeadamente o posicionamento nas aulas, a circulação pelo espaço e o *feedback* à distância. Estes aspetos foram uma das minhas preocupações e focos de intervenção, procurando marcar presença em todas as aulas, fornecendo os *feedbacks* necessários ao sucesso dos alunos.

Para garantir esse nível de empenhamento e sucesso dos alunos foi necessária uma contante variação dos tipos de *feedbacks* e fornecê-los em grande quantidade. Foi essencial prestar uma atenção sistemática à prática dos alunos, marcando sempre uma presença ativa durante as aulas. Uma estratégia que resultou muito bem, foi a observação dos alunos em diversos formatos, ou seja, ou em equipa, de modo a ver o nível geral dos alunos integrantes dessa equipa, fornecendo *feedbacks* ao grupo ou

individualmente, vendo cada aluno especificamente em determinada tarefa, e por fim, coletivamente, fornecendo *feedback* à turma no geral. Estas formas de *feedbacks* possibilitaram uma correção mais rápida e eficaz dos erros cometidos pelos alunos.

A posição na sala de aula é muito importante pois determina a presença do professor e a capacidade de intervir, no momento correto, com os alunos. Um aspeto no qual me debrucei para melhorar foi o *feedback* e controlo à distância, para o qual defini uma estratégia: a criação de sinais e rotinas que facilitem essa tarefa.

Especificamente ao nível do *feedback*, o meu objetivo foi sobretudo o aumento da taxa de *feedback*, nomeadamente à distância e prescritivo. Considero que a maioria do *feedback* que forneci foi avaliativo, quando deveria ter sido sobretudo prescritivo, pois é esse tipo de *feedback* que provoca mudanças mais significativas no desempenho dos alunos. O *feedback* à distância é importante na medida que garante uma presença ativa e um acompanhamento permanente do professor na prestação dos alunos. Também permite um maior controlo da turma, sem ser necessária uma circulação exaustiva pelo espaço para poder intervir.

Foram realizadas várias tarefas de estágio, nesta área, para incrementar a nossa competência docente na lecionação, tais como aulas filmadas, semana de professor a tempo inteiro (PTI), aulas lecionadas ao 1º ciclo e Observação de Aulas de outros professores e colegas de estágio. Estas tarefas foram extremamente importantes, pois foram experiências diferentes das que estávamos regularmente habituados. Nestas experiências foram vivenciados diferentes contextos e realidades, com alunos diferentes das nossas turmas, manifestando outras necessidades de aprendizagem e abordagem das matérias, e também com objetivos completamente diferentes dos nossos. Desta forma foi possível observar, refletir e praticar para lá da zona de conforto, abrindo horizontes e aumentando o leque de abordagens letivas.

Após a análise das aulas filmadas, através dos sistemas de observação (SOCA – Sistemas de Observação do Comportamento do Aluno, SOCP – Sistema de Observação do Comportamento do Professor, *Feedback* Pedagógico e GTS – Gestão do Tempo da Sessão) e foi possível observar várias evoluções, da minha parte, ao longo das aulas e etapas de formação. Da primeira aula filmada foi permitido constatar que ainda existiam diversas categorias que deveriam ser melhoradas, nomeadamente o tempo em instrução, organização e a taxa de *feedback*, e outras que deveriam ser mantidas, tais como o tempo de prática e percentagem de afetividade positiva. Comparando os dados com a literatura, na análise através do SOCP, obtive uma percentagem um pouco superior ao que foi obtido por Piéron (1982), na categoria Instrução, 24,37% relativamente a 16,65%. A instrução fornecida numa aula deve ser objetiva e clara, para que não substitua tempo de prática e aprendizagem, sendo de fácil

compreensão por parte dos alunos. No entanto, este sistema de observação, SOCP, analisa detalhadamente cada intervalo de 5 segundos. Por esta razão, as categorias apresentam mais ocorrências ao longo da aula, como é o caso da categoria “Instrução”. Sendo uma aula de avaliação, houve necessidade de explicitar melhor os objetivos a cumprir e os exercícios que deveriam realizar. Uma vez que foram contabilizados todos os momentos da aula em que foi realizada instrução, justifica-se assim a percentagem obtida

Na categoria “Observação”, obtive uma percentagem inferior ao que foi obtido por Piéron (1982), embora considere que despendi demasiado tempo em observação dos alunos, comparativamente a outras aulas que já lecionei. O tempo de prática deve ser potenciado e convertido em aprendizagens úteis e efetivas para os alunos, ao invés de ser ocupado em momentos de pausa, organização e observação. As restantes categorias apresentaram percentagens de acordo com o que foi retirado da literatura, embora eu considere que a percentagem de *feedback* devesse ser mais elevada, pois é um aspeto muito importante e influenciador na aprendizagem dos alunos. É através do *feedback* que os alunos percebem onde têm que melhorar especificamente em cada exercício e em cada área e matéria, desenvolvendo nos alunos a capacidade de corrigir os erros e evoluir nos conteúdos lecionados. A categoria “Organização” embora apresente uma percentagem relativamente de acordo com a literatura, considero que deveria ser mais reduzida. Um professor deve planear a sua aula contando com todas as formas de organização, preparando as tarefas de forma rápida e objetiva, sem substituir tempo de prática.

É também de bom agrado que destaco a percentagem obtida na afetividade positiva, que é superior ao retirado da literatura. No entanto, é extremamente importante que um professor consiga, para além de todas as outras tarefas letivas durante a sessão, motivar os alunos e estabelecer um clima positivo na aula, entre professor e alunos, e mesmo entre alunos. Nesse sentido, considero que tive uma boa prestação, pois procurei intervir sempre com *feedbacks* e também com comentários encorajadores. Procurei constantemente estabelecer um clima de interajuda e cooperação entre os alunos, pois defendo que o trabalho em grupo contribui para um alcance dos objetivos mais rapidamente. Embora seja importante a relação aluno-professor nas aulas, para a criação de um bom clima de aprendizagem, é também igualmente importante a manutenção da distância entre o professor e os alunos. Neste sentido, a confiança existente não deve ultrapassar os limites do respeito pretendido entre professor e aluno, pois o professor continua a ser a autoridade máxima na aula. Considero que realizei um ótimo trabalho, pois consegui manter uma relação bastante agradável com os alunos, ao mesmo tempo que eles mantiveram o respeito por mim e pela minha função docente.

Da análise das aulas filmadas, destaco o aumento significativo da taxa de *feedback* total, cumprindo assim, um dos meus objetivos de formação. Os alunos necessitam de ajuda para entenderem e interiorizarem os critérios de avaliação. Como tal, o *feedback* que é transmitido, tanto em momentos avaliativos anteriores, como também no próprio momento, tem um impacto significativo no esforço que os alunos depositam nas tarefas de avaliação sumativas, potenciando o sucesso das aprendizagens.

Esta tarefa de análise das aulas foi crucial na minha formação, pois possibilitou uma melhor visão acerca do meu desempenho enquanto professora.

É muito importante que um professor, para além de analisar e perceber os erros cometidos nas suas aulas, aplique as modificações necessárias, corrigindo os aspetos mais negativos e fomentando os aspetos positivos, para obter o sucesso e a qualidade no ensino.

A semana de PTI foi uma experiência muito satisfatória, apesar do cansaço acrescido. O facto de poder dar aulas a ciclos diferentes, perceber as diferenças entre os alunos, as suas diferentes capacidades e necessidades, contribuiu para que desenvolvesse uma maior capacidade de diferenciação do ensino, de adaptação do ensino e de situações de aprendizagem de acordo com cada grupo de alunos e capacidade de resolução de problemas. Estas aulas foram também mais uma oportunidade para desenvolver capacidades no fornecimento do *feedback* e observação do desempenho dos alunos. A melhoria destas capacidades referidas acima, verificaram-se nas minhas aulas lecionadas à turma de estágio, na medida em que estive muito mais centrada no *feedback*, na manutenção de uma presença ativa, e o mais gratificante é observar que essa minha melhoria refletiu-se num melhoramento do desempenho dos meus alunos.

Assim, a semana de PTI, contribuiu para a minha formação como forma de representação daquilo que é a realidade de um professor, de lecionar aulas diferentes, em espaços diferentes, com objetivos distintos e matérias também elas distintas. Acrescentando todas as outras tarefas que tem de realizar, como a Direção de Turma e DE. Considero, por isso, que foi uma experiência muito útil para a minha formação e futuro profissional, e que despoletou em mim diversas capacidades e melhorias das minhas habilidades enquanto professora, resultando num ensino de qualidade e em aprendizagens eficazes dos alunos.

Relativamente às aulas lecionadas ao 1º Ciclo, foi mais uma experiência em lecionação diferente do habitual. A turma à qual lecionei as aulas era uma turma de 4º ano, o que possibilitou utilizar outros tipos de abordagem da disciplina, mais adequados às idades e necessidades de aprendizagem dos alunos. Considero, que fiz um ótimo

trabalho com a turma, proporcionando aos alunos diferentes experiências, solicitando diversas capacidades, que é algo que se pretende nestas idades e ano de escolaridade. Os alunos têm de exponenciar as suas habilidades e capacidades, com o máximo de atividades variadas possíveis.

A experiência foi muito gratificante, pois são idades diferentes, abordagens diferentes, necessitando de um alto nível de criatividade e iniciativa, de modo a motivar os alunos para a prática, e nesse sentido, considero que cumpri o objetivo. Consegui adaptar bem a linguagem à idade deles, corresponder de forma correta às diversas necessidades dos alunos, adaptando o ensino às suas características e capacidades. Garanti também um bom clima de aula e empatia com os alunos, potência importante para que os objetivos da aula fossem cumpridos. Como tal, espero no futuro vir a repetir esta experiência, que foi sem dúvida mais um ensinamento para o futuro, pois será uma opção de trabalho após término do Mestrado.

Um professor, especialmente no início da sua carreira, deve ambicionar uma formação contínua, na qual existe uma aprendizagem constante e permanente, que desenvolve diversas capacidades no professor, nomeadamente reflexivas e críticas. Como tal, deve refletir nas suas práticas, detetando erros e aspetos a melhorar e após refletir e criticar o seu próprio trabalho, apresenta estratégias para progredir e evoluir enquanto pessoa e sobretudo enquanto docente.

Desta forma, uma vez que a observação é uma grande ferramenta de aprendizagem, desenvolvi um trabalho no âmbito crítico e analítico, que consistia na observação e reflexão sobre as minhas intervenções pedagógicas e dos restantes elementos do NE. Nesse sentido, considero que realizei um trabalho positivo, identificando regularmente os pontos críticos das minhas aula bem como os erros/pontos a melhorar de aula para aula e as mais-valias que devem continuar a ser realizadas, mantendo sempre uma atitude reflexiva sobre os meus comportamentos e os dos meus colegas de estágio enquanto professores estagiários. A observação das aulas da minha colega de estágio e vice-versa foi constante e sistemática, acompanhada por uma ficha de observação, na qual era registado diversos aspetos que diziam respeito à prestação do professor estagiário que estava a lecionar no momento. Após a observação houve regularmente uma reunião do NE para discutir o que foi registado na ficha de observação, referindo tanto os aspetos positivos como negativos, que necessitaram de ser melhorados.

Segundo Zeichner (1994 citado por Albuquerque et al, 2005. p.34) a “racionalização técnica, ação prática, e reflexão crítica, representam os três níveis de reflexão e racionalização da prática educativa”. Considero portanto, que este processo e dinâmica de organização, realizada pelo NE, foi muito importante, pois proporcionou

uma maior capacidade de reflexão e crítica e também uma correção rápida dos aspectos que precisam de ser resolvidos, e desta forma, eliminando os erros que poderiam colocar em causa a qualidade do ensino.

A dificuldade que talvez tenha sentido mais, neste âmbito reflexivo e crítico, foi a entrega atempada das autoscopias relativas às minhas sessões de ensino, embora tenham sido todas elaboradas e entregues dentro do tempo estipulado. Estas reflexões constantes serviram para melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem e respetivas intervenções pedagógicas.

Foram realizados também dois momentos de observação de aulas de outros professores do DEF. Destas observações das aulas, retirei diversos ensinamentos como por exemplo, formas de abordagem das matérias, exercícios, formas de estar e de postura enquanto professora.

No momento em que o meu colega de estágio abandonou o estágio, a turma dele ficou, por opção do NE, sob a responsabilidade não só do professor orientador de escola, como também minha e da minha colega de estágio. Esta experiência foi mais um contributo para o melhoramento e desenvolvimento das minhas competências e capacidades de lecionação e condução de ensino, na medida em que, foram vivenciados contextos diferentes com alunos distintos dos que habitualmente lecionava as aulas.

É de salientar também que outras tarefas, não só pertencentes à área 1 mas também relacionadas com outras áreas de intervenção do estágio, nomeadamente com a área 2 e 3, contribuíram para um enriquecimento significativo do meu conhecimento e domínio das matérias e outros pressupostos da educação física. Destaco principalmente a contribuição da minha ativa participação no núcleo de DE de voleibol, que forneceu diversas ferramentas que, ao aplicar na turma de estágio, resultou em grandes melhorias no desempenho dos alunos, como por exemplo exercícios e progressões de exercícios para alcançar determinado gesto técnico ou ação técnico-tática. A experiência e domínio do professor responsável pelo núcleo foi um grande contributo para a minha evolução e crescimento nesta matéria, no que respeita à lecionação da mesma. As tarefas realizadas na área 2 contribuíram para perceber a real importância da atualização dos conhecimentos, relativamente aos PNEF e a importância da uniformização das práticas entre os professores de EF.

3.1.3 Avaliação

A avaliação deve ser contínua e sistemática, durante todo o processo de ensino-aprendizagem (embora possam existir momentos fortes de avaliação) para permitir ao professor reformular ou manter os objetivos selecionados e modificar, caso necessário as estratégias utilizadas para a consecução desses objetivos (Carvalho & Mira, 1990. p.175).

O processo de avaliação dos alunos foi uma tarefa na qual demonstrei algum receio, pois devido à minha inexperiência, a probabilidade de poder falhar na avaliação era acrescida. No entanto, tentei sempre aconselhar-me junto de outros professores, orientadores de estágio e colegas do núcleo, para poder realizar da melhor forma a avaliação dos alunos, tanto formativa como sumativamente. Considero, após lançamento das primeiras classificações, referentes ao primeiro período letivo, que estas foram adequadas aos alunos, relativamente às aprendizagens e evolução dos alunos.

Em relação à avaliação formativa (AF), esta deve ser fortalecida, tornando-a eixo fundamental do sistema, imprimindo-se desta forma à avaliação formativa,

a devida importância como instrumento necessário e necessariamente regulador das aprendizagens e a considerá-la como o ponto de convergência entre todos os intervenientes, designadamente, alunos e professores, numa perspetiva de colaboração íntima com vista à prossecução do objetivo comum e terminal - o sucesso escolar e educativo (Hespanha, Neves, Moreira, 1992. p. 48).

Julgo que poderia ter aplicado mais vezes este tipo de avaliação nas duas primeiras etapas de aprendizagem, pois é deveras importante que os alunos saibam constantemente o que têm de melhorar ou corrigir, para que se possam observar evoluções no seu desempenho. Utilizei frequentemente o questionamento e *feedback* todas as aulas, para fornecer aos alunos informação acerca da sua prestação nas aulas, e também reuniões gerais de avaliação, onde fiz um balanço das potencialidades e debilidades de cada aluno. Posteriormente, esse aspeto foi resolvido, na medida em que elaborei uma ficha individual de cada aluno, com os seus resultados, ao fim de cada unidade de ensino e ao fim de cada período letivo. Esta forma de informar os alunos da sua prestação permite um ótimo acompanhamento, por parte de cada aluno, do seu próprio desempenho, orientando as suas ações para o alcance dos objetivos definidos, sendo um instrumento de consulta sempre que o aluno necessite de rever para que objetivos está a trabalhar.

O processo de avaliação sumativa (AS) pressupõe uma especificação dos procedimentos a utilizar neste tipo de avaliação, justificando a correspondência entre os respetivos critérios de avaliação, respeitando as normas de classificação definidas nos PNEF e tendo como referência os objetivos de aprendizagem e dados recolhidos na Avaliação Inicial. A minha preocupação centrou-se sobretudo em garantir instrumentos de avaliação válidos e consistentes que determinassem corretamente a classificação dos alunos e também na definição dos momentos “chave” para aplicação dos instrumentos/momentos de avaliação. E nesse sentido considero que tive sucesso e qualidade nessa tarefa, na medida que realizei um registo sistemático do desempenho dos alunos, que auxiliou depois na aferição dos níveis de desempenho em cada área e matéria, dando oportunidade aos alunos de melhorarem ou recuperarem, para que houvesse o máximo sucesso na disciplina.

A AS é o que determina efetivamente o estado dos alunos ao fim de cada período e ano letivo. Como tal, é essencial que o professor veja este processo com responsabilidade e rigor. Por essa razão, aponte este aspeto como uma fragilidade que previ que iria ter durante o estágio. Receava não conseguir cumprir na perfeição esses pressupostos descritos acima, algo que não sucedeu, pois consegui cumprir todos esses objetivos e preocupações. Ao estabelecer exatamente todos os procedimentos de avaliação a adotar durante as duas primeiras etapas de aprendizagem, foi possível garantir uma avaliação adequada aos alunos e de acordo com documentos de referência.

Para os dois tipos de avaliação foram elaboradas fichas de observação, que continham os indicadores de observação de cada nível em cada matéria. Estas fichas de observação e registo do desempenho tinham o objetivo de verificar se os alunos cumpriam ou não os objetivos de cada nível, nas diferentes matérias. Desta forma, a avaliação e a aferição do nível dos alunos é mais precisa e inequívoca.

Através das avaliações, formativa e sumativa, é possível realizar uma diferenciação do ensino adequada às necessidades e capacidades dos alunos, e evolução dos mesmos. O facto de ter elaborado as fichas individuais dos alunos, já referenciadas anteriormente, possibilitou uma melhor compreensão por parte destes acerca dos objetivos específicos propostos para eles. Quando um aluno sabe para que objetivos está a trabalhar o seu desempenho será de acordo com esses mesmos propósitos e dessa forma, o alcance do objetivo final será muito mais facilitado e quase garantido.

Também o registo contínuo que fui realizando e as diversas avaliações contínuas que fui concretizando ao longo das etapas, possibilitou um melhor acompanhamento do processo ensino-aprendizagem dos alunos da turma, pois existia um fornecimento

constante de *feedbacks* que indicavam as correções necessárias para atingir os critérios de êxito.

Ao longo do estágio, foi sempre reservado um tempo de recuperação para os alunos que apresentassem dificuldades em atingir os objetivos para eles definidos, e também vários momentos de observação, registo e avaliação, para poder retirar a máxima informação acerca do desempenho dos alunos. Nesse sentido, a avaliação e aferição dos níveis dos alunos ficou assegurada e foi realizada com rigor e organização. Consequentemente, se for realizada uma boa análise da prestação dos alunos ao longo das várias etapas de aprendizagem, também haverá uma melhor diferenciação do ensino e uma adaptação mais adequada das situações de aprendizagem às necessidades, capacidades e nível de desempenho dos alunos.

Em suma, o processo de avaliação realizado foi estruturado de modo a que os diversos tipos de avaliação formassem uma unidade coerente entre si. Esta coerência deve ser percebida nos vários documentos/instrumentos de avaliação que foram produzidos, como por exemplo: fichas de observação e registo do desempenho dos alunos; fichas individuais de final de unidade de ensino e período e grelhas gerais do desempenho e avaliação. Todos estes documentos deverão estar em consonância em termos de critérios de êxito e parâmetros de avaliação.

Sendo a avaliação um processo tão rigoroso e que implica uma responsabilidade e rigor por parte do professor, pois influencia e caracteriza diretamente o sucesso ou insucesso dos alunos, fez todo o sentido trabalhar este aspeto no âmbito da Área 2, investigando a coerência de observação entre os professores do DEF, em momentos de avaliação/certificação dos alunos.

3.2 Área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica

A investigação pedagógica tem contribuído, em diversos aspetos e dimensões, para as práticas de ensino-aprendizagem. Como refere Fenstermacher (1986, citado por Pereira, Bento, Pereira, 2013. p.368-369) “a investigação sobre o ensino tem aprofundado a nossa compreensão acerca deste fenómeno”, bem como tem também “aumentado a nossa capacidade de ensinar de uma maneira moralmente justificável e baseada em fundamentos racionais.” É através da investigação pedagógica que se consegue detetar lacunas na educação, salientando vários aspetos interessantes e alvos críticas e reflexões, na tentativa de melhorar constantemente a qualidade do ensino proporcionado.

Neste seguimento, cada núcleo de estágio deve projetar “estudos de investigação-ação integrados na escola e respetivos contextos e organizar o processo

de construção de competências sociais e profissionais, na perspectiva do seu desenvolvimento ao longo da vida e da diversidade das realidades nacionais e internacionais” (Guia de Estágio, 2013). De uma forma geral, deve investigar um problema ou característica observada e detetada na escola de estágio, por meio de projetos de investigação-ação, que visam um conjunto de soluções integradas para o problema encontrado. Desta forma, seriam desenvolvidas e aprimoradas as competências necessárias à investigação pedagógica, neste caso, no âmbito da EF.

O projeto de investigação desenvolvido foi uma tarefa realizada em simultâneo com a disciplina de Investigação Educacional, pertencente ao plano de estudos do 2º semestre do segundo ano do mestrado em questão.

Os professores estagiários deveriam, após a aplicação dos seus projetos, adquirir diversas competências relacionadas com a investigação educacional, nomeadamente a metodologia e os procedimentos próprios de cada um dos paradigmas e estratégias de investigação, mais especificamente da investigação-ação. Como tal, era também expectável que os estudantes conhecessem os procedimentos essenciais para a operacionalização de uma investigação.

O processo de caracterização de um problema deve ser realizado recorrendo a um quadro teórico de referência válido, de modo a suportar devidamente a pertinência do estudo. Dessa forma, a escolha de adequados instrumentos de pesquisa está na base desse suporte. É necessário identificar corretamente as decisões de ordem metodológica, definindo uma boa questão de partida, de forma a conferir uma pertinência significativa ao estudo. Consequentemente é essencial estabelecer os processos metodológicos, instrumentos e processo de recolha de dados e respetivo tratamento de informação, de modo a delinear o desenvolvimento do estudo, sem risco de desvio do objetivo principal.

O problema identificado e que serviu de base à construção e respetiva necessidade de aplicação do projeto de investigação do NE, esteve relacionado com uma debilidade que foi encontrada em alguns professores do departamento, através de reuniões de departamento e conversas informais com outros professores do DEF. Essa debilidade revelou-se sobretudo pelo facto terem sido agrupadas as escolas de Caneças, e como tal, o grupo de estágio achou por bem aproveitar este facto para propor uma alteração dos critérios de avaliação, uma vez que não estavam, na sua totalidade, de acordo com os PNEF. Posto isto, após a alteração e aprovação dos critérios de avaliação, alguns professores demonstraram algum desconforto com esta mudança, e uma das hipóteses que o grupo de estágio colocou foi se esse desconforto estaria ou não relacionado com o conhecimento dos níveis das matérias explicitados nos PNEF. Após a identificação deste problema, foi questionado se o conhecimento ou

desconhecimento dos níveis das matérias por parte dos professores de um mesmo agrupamento, influência a observação e atribuição do nível de desempenho dos alunos, em situações específicas de aprendizagem. Desta forma, é colocada em causa a homogeneidade e coerência entre os professores de educação física de um mesmo departamento.

Nesta experiência, o facto de pertencermos a um departamento constituído por um elevado número de professores, com diferentes perspetivas sobre as práticas letivas, levou a que o NE questionasse se todos observavam e avaliavam da mesma forma, surgindo assim uma questão de estudo que procurava verificar a existência de fiabilidade interobservadora entre professores de EF de um mesmo departamento.

Para contextualizar o propósito do nosso projeto de investigação, na área da observação e avaliação, é necessário compreender que, para proceder a uma avaliação, cada professor tem ao seu dispor um conjunto variado de instrumentos de avaliação que pode utilizar. Na EF, o instrumento de avaliação por excelência é a observação. Segundo Carvalho (1994), a componente subjetiva da EF na sua avaliação, agrava-se com a ausência de instrumentos de avaliação, como testes ou fichas. Como afirma Onofre (1996), a avaliação é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informações e formulações de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos. No entanto, se existe esta subjetividade no processo avaliativo é difícil garantir que as decisões tomadas são as mais adequadas ao processo ensino-aprendizagem dos alunos. Esta subjetividade poderá ser maior nos jogos desportivos coletivos, uma vez que “o jogo é sempre o mesmo, mas é irrepetível” (Bom, 2002, citado por Comédias, 2004), ou seja, as situações que são apresentadas irão sempre variar de jogo para jogo.

Desta forma, o NE resolveu estudar e trabalhar esta temática tão delicada e específica, no âmbito da avaliação e certificação. Uma vez que duas pessoas a olhar para uma situação de avaliação, olham inevitavelmente de maneira diferente (Carvalho, 1994), uma das preocupações relativamente ao processo de avaliação em EF é definido por um fenómeno conhecido por “solidão do professor”, ou seja, existe um carácter individualista do trabalho do professor na componente avaliativa (Comédias, 2004). Uma ação que é oposta a um dos principais objetivos de avaliação, que é a promoção do trabalho em equipa. O trabalho conjunto e a recolha de opiniões de outros professores, e a elaboração e aplicação de grelhas de observação comuns, que respeitem os critérios definidos pelo departamento de Educação Física, vão permitir uma homogeneização de observação e, conseqüentemente da avaliação entre professores, permitindo que possam, ao avaliar uma situação, olhar de uma mesma forma (Comédias, 2004).

O NE, suportou-se nestas bases teóricas para justificar a aplicação do projeto de investigação.

Os professores participantes realizaram uma análise de uma situação de jogo 4x4 da matéria de voleibol (dois momentos de observação da mesma filmagem) certificando os alunos escolhidos para observação, com um nível de desempenho, de acordo com os que são definidos nos PNEF. Para aferir as razões que estariam na base da discordância nas observações, caso esta fosse verificada, estava prevista a aplicação de um questionário sobre os PNEF aos professores participantes.

Neste seguimento, os objetivos do estudo seriam sobretudo: analisar a coerência das avaliações (I, E, A) aferidas pelos diferentes professores do DEF da ESC, numa situação de jogo da matéria de Voleibol, para assim perceber e analisar a coerência das avaliações em dois momentos de avaliação. Pretendíamos também verificar se o estabelecimento de critérios e indicadores de observação provoca uma tendência de convergência ou divergência nas observações dos vários professores. Após os dois momentos de observação e recolha das fichas de observação de cada professor e conseqüente análise, pretendíamos aferir as razões que estavam na base da discordância de observação, caso esta se verificasse. Por fim, foram propostas estratégias de resolução do problema identificado.

A escolha dos instrumentos para o estudo, foi uma tarefa criteriosa e rigorosa. Pela falta de experiência do NE em projetos investigativos, foi necessária uma pesquisa intensiva sobre instrumentos utilizados neste tipo de investigações e temática, nomeadamente assentando a pesquisa na tese de doutoramento do professor Comédias, redigida em 2004, para garantir validade e fiabilidade nos instrumentos aplicados.

Desta forma, os instrumentos utilizados foram a filmagem da situação de jogo da matéria de Voleibol, com uma situação específica de avaliação para certificação dos alunos, praticada por alunos do 11º ano de escolaridade, das turmas lecionadas pelas professoras estagiárias, responsáveis pelo presente estudo. Na filmagem estava exibida uma situação de jogo de 4 x 4 de Voleibol, sendo cada equipa composta por 2 rapazes e 2 raparigas. A escolha destes alunos foi propositada, na medida em que foram escolhidos quatro alunos de cada turma das professoras estagiárias, para garantir que os professores participantes não conheçam antecipadamente o nível dos alunos e isso não condicionasse os resultados. Dos alunos escolhidos para observação e certificação, não existia nenhum aluno pertencente ao DE do Voleibol.

No que respeita aos instrumentos de registo das observações individuais de cada professor, para cada um dos momentos de visualização das filmagens (1º momento e 2º momento) foram distribuídas fichas de observação específicas da

matéria. No 1º momento a ficha de registo não continha critérios nem indicadores de observação, apenas um local para observações e para atribuição do nível a cada aluno. No 2º momento, a ficha continha critérios e indicadores de observação, segundo os PNEF, e igualmente, um espaço destinado à atribuição do nível de cada aluno. Foi também utilizado como instrumento, para aferir algumas das razões que poderiam estar relacionadas com a discordância de observações e registo entre os professores, um questionário acerca dos PNEF.

As maiores dificuldades sentidas pelo NE foram a filmagem das situações de avaliação/observação, devido a diversas condicionantes, como a disponibilidade dos alunos, dos materiais de vídeo, disponibilidade do pavilhão e luminosidade do pavilhão. Também a obtenção de disponibilidade dos professores foi uma dificuldade, na medida em que, tomou-se a decisão de que as observações iriam ser realizadas em reuniões de departamento, nas quais os professores têm o dever de comparecer, e assim teríamos um maior número de participantes. Estes aspetos, embora não tenham colocado em causa a investigação, podem ter influenciado, em certa parte, a observação dos professores e respetivos resultados.

Relativamente a estas limitações encontradas, após a aplicação do projeto foram detetados mais alguns aspetos relevantes, que poderão melhorar e enriquecer uma nova investigação a realizar futuramente, nesta temática. A amostra, embora tenha sido uma amostra razoável em termos de participações, colaborando 10 professores em 12, esta poderia ser alargada a outros agrupamentos e escolas, para poder realizar comparações e obter conclusões mais consistentes, como era inicialmente a ideia deste estudo.

Esta investigação foi realizada em conjunto com a Escola Secundária da Amadora, com o propósito de termos dados de dois departamentos diferentes e verificar outras questões pertinentes entre eles, no entanto, o professor estagiário pertencente a essa escola, por diversos motivos, nomeadamente, atrasos na aplicação do estudo, não conseguiu enviar os seus dados/resultados a tempo da análise e apresentação dos nossos, pelo que apenas tivemos os dados relativos ao nosso departamento.

A investigação apenas se centrou numa matéria, embora tenhamos realizado também uma filmagem da matéria de Futsal, mas por motivos de falta de tempo e disponibilidade dos professores para tantas mobilizações e reuniões propositadas para este estudo, resolvemos cingir-nos a apenas uma matéria, o Voleibol. No entanto, teria sido muito interessante e relevante a comparação de resultados obtidos em duas matérias diferentes, ou em mais matérias, uma vez que cada professor tem a sua especialidade, e podia haver outra matéria que fosse, de forma comum, dominada em certa parte por todos os professores do DEF. Também as características do

vídeo/filmagem, foram um aspeto que deve ser salientado para ter em conta noutras investigações que impliquem este tipo de instrumento, nomeadamente o posicionamento da camara, a reduzida luminosidade do pavilhão (no vídeo), pouco tempo de filmagem, embora para esta limitação, o NE considere que no contexto sala de aula, um professor tem um tempo reduzido para observação e certificação dos alunos, pois a atenção está repartida pelos restantes alunos da turma. Teria sido prudente a troca das equipas no campo, a meio do tempo da filmagem, para uma melhor visualização dos alunos, bem como a escolha dos coletes, pois embora se visualizem corretamente, podiam ter sido escolhidas cores mais chamativas para melhor identificação. Por último, uma limitação que o NE destacou do estudo foi, por motivos de disponibilidade da amostra, o facto do 1º e 2º momentos de observação terem sido próximos, situação que pode ter falaciado os resultados, pois os professores observadores podiam lembrar-se da visualização anterior e do nível atribuído aos alunos.

O NE tinha perfeita consciência de que estava a incidir num campo muito pessoal e delicado dos professores participantes, pois poderia estar a ser posta em causa a sua competência docente e conhecimentos. No entanto, consideramos que essa particularidade enriqueceu ainda mais o nosso estudo. Uma vez que se tratava de um recente agrupamento, e conseqüentemente, um DEF com um número acrescido de professores, com práticas e conceções diferentes entre eles, seria natural, encontrar algumas lacunas e pontos relevantes no departamento. Seria então a oportunidade crucial para colmatar essas lacunas, e começar a moldar o DEF para constituir um grupo coeso e firme, com práticas letivas uniformizadas e consistentes, de acordo com os pressupostos do PNEF. E assim, poder delinear várias estratégias para minimizar a “solidão do professor”, promovendo o trabalho conjunto e este tipo de debates, centrados nas formas de avaliação e aferição de níveis, incentivando à realização de mais momentos de observação e partilha de experiências para que seja valorizada cada vez mais a EF e o ensino-aprendizagem seja repleto de qualidade e justiça.

Relativamente aos resultados obtidos no estudo realizado, o NE previu que poderiam ser conseguidos resultados alarmantes para o DEF, procurando sempre uma explicação ativa de todo o objetivo do projeto, fazendo perceber que as lacunas e problemas existentes devem ser melhorados e eliminados, e não vistos como um entrave ou uma crítica à competência profissional dos professores.

Assim, surgiram as seguintes hipóteses: 1) existe maior discordância na observação quando é aplicada a ficha de registo sem critérios de observação definidos comparativamente à aplicação da ficha de registo com critérios definidos; 2) existe maior discordância na observação quando são aplicadas fichas de registo com os critérios de

observação definidos comparativamente à aplicação da ficha de registo sem critérios de observação definidos. Estas hipóteses remetem para a importância de colocar os critérios e indicadores de observação nas fichas de registo utilizadas pelos professores, relacionando-se com o processo de avaliação e condução de ensino que cada professor realiza.

Os resultados obtidos foram aferidos através de um método simples de estatística, baseado em frequências absolutas e relativas, pois tratava-se de comparação de dados, de uma amostra reduzida e também elas simples.

É de salientar que em nenhum dos momentos foi verificada fiabilidade interobservadora, e todos os resultados tiveram como referência os registos do professor especialista na matéria de Voleibol.

No primeiro momento de observação, foi constatado que, para além de não existir fiabilidade interobservadora, houve menos fiabilidade nos alunos comparativamente às alunas, pois os resultados obtidos indicaram uma maior disparidade de registos nos alunos do que na observação e registos realizados às alunas. Relativamente à referência do professor especialista, sendo a amostra reduzida, as percentagens que não estão de acordo com a observação do especialista são significativas para o estudo. Ainda assim, a maioria está de acordo com o especialista. Por fim, verifica-se um aspeto que deve ter sido em conta, um aluno é certificado com dois/três níveis diferentes, dependendo do professor observador.

No segundo momento de observação e registo, as conclusões foram semelhantes ao primeiro momento, salientado, ainda assim, que 60% dos professores, certificou os alunos com um determinado nível, independentemente se os alunos cumpriam ou não a totalidade dos critérios correspondentes a esse nível. Este aspeto tem relevância na medida em que, nos PNEF está indicado que um aluno só deve obter um nível se cumprir todos os objetivos definidos e que caracterizam esse nível, caso contrário deverá ser certificado com o nível anterior. Se o estudo fosse relativo a um momento de avaliação intercalar, onde os níveis aferidos são prognósticos, estabelecendo o nível que o aluno poderá atingir com o decorrer das aulas, este aspeto não seria levantado, no entanto, o estudo referia-se a uma situação de certificação, no final do ano.

Comparando os dois momentos de observação e registo, verificou-se uma ligeira melhoria da fiabilidade interobservadora no 2º momento, onde eram utilizadas as fichas de registo com critérios, ficando assim também mais de acordo com o registo do professor especialista. Deste resultado, pode-se induzir que é mais fácil avaliar os alunos quando é utilizada uma ficha com critérios e indicadores específicos da matéria e dos níveis de desempenho, pois orienta o professor no processo de avaliação dos

alunos. Desta forma, verificou-se conseqüentemente que 40% dos professores alterou o seu registo, no 2º momento de avaliação.

Uma vez que foi constatado a ausência de fiabilidade interobservadora entre os professores, aplicou-se um questionário, com questões relacionadas com os PNEF, para poder aferir algumas razões que poderiam estar na base da discordância verificada. As principais conclusões retiradas da aplicação do questionário foram, a existência de algumas dúvidas acerca da nomenclatura correta das áreas pertencentes ao quadro de extensão de educação física; a maioria dos professores apesar de ter habilitação para lecionar no ensino secundário, desconhece, na sua maioria, a dinâmica de escolha das matérias a lecionar; não dominam na perfeição os critérios de êxito de algumas matérias do PNEF, nomeadamente o Basquetebol; a matéria de Futsal é uma matéria que o departamento domina, havendo maior conhecimento acerca dos critérios de êxito desta matéria, mais especificamente, do nível Introdução; metade dos professores (50%) confundem a certificação por nível de desempenho com classificação numérica (exemplo: em vez de nível E – coloca 16 valores), este resultado foi talvez um dos mais preocupantes para o NE, pois indica uma desatualização de conhecimento acerca dos pressupostos dos PNEF sobre o processo avaliativo das matérias da Área das Atividades Físicas. Por fim, alguns professores (30%) referiram que devem ser incluídas as regras e conteúdos das matérias na avaliação da área dos conhecimentos, quando segundo os PNEF, estes pertencem à área das atividades físicas; e 20% dos professores considerou que um aluno que não esteja apto na área da aptidão física, no final do ano, pode ter classificação positiva à disciplina, apontando o empenho do aluno como uma razão para certifica-lo como apto. Segundo os critérios de avaliação aprovados pelo departamento, e segundo os PNEF, os alunos têm de estar aptos a todas as áreas (no secundário), sendo esta área uma obrigatoriedade, salvo exceções com justificação médica.

Desta forma, é necessário que os professores admitam estes erros e falhas, como uma alavanca para a atualização de conhecimentos e melhoramentos das práticas de ensino, e não como uma crítica destrutiva com o intuito de desmotivar ou de certa forma, “atacar” o DEF. No entanto, apesar dos resultados obtidos se apresentarem com alguma conotação negativa, é de salientar os pontos positivos do DEF, nomeadamente o dinamismo e a atividade residente nos professores que dele fazem parte, a capacidade, a vontade e a disponibilidade em mudar e melhorar a sua lecionação, promovendo um EF de qualidade. Destaca-se também o conhecimento geral e consolidado que eles nutrem pelos PNEF e pelos pressupostos da EF.

Como tal, o NE propôs algumas estratégias para solucionar estas lacunas, tais como: a formação interpares; a observação conjunta entre os professores do

departamento; a uniformização das fichas de registo, entre outras. Deixámos também a sugestão, nomeadamente aos orientadores de estágio, de proporem uma nova investigação, réplica desta, mas noutra matéria ou em mais matérias e comparar os resultados obtidos.

Relativamente à divulgação e apresentação do projeto, sucedida no dia 7 de Maio, esta se tornou uma atividade não só pertencente à área 2, mas também muito relacionada com a área 4, na medida em que, o NE desenvolveu todo um processo de divulgação abrangente a toda a comunidade escolar, contando com a presença de quase todos os professores participantes, de dois núcleos de estágio de outras escolas de estágio acompanhados dos seus orientadores, e de amigos e familiares nossos que tiveram interesse em assistir à apresentação, preenchendo assim uma assembleia com cerca de 20 pessoas. Considero que foi um grande feito, por parte do NE, pois devido à grande afluência de apresentações de outros núcleos de estágio, desta área, estávamos receosas que não comparecesse tantas pessoas.

É muito importante refletir sobre a nossa própria exposição e apresentação do estudo desenvolvido, a qual eu considero que foi de elevada qualidade e objetividade. O NE preparou-se devidamente para a apresentação, dominando os vários conteúdos da mesma, discursando fluidamente e com convicção, algo que é essencial para que a mensagem incutida no estudo seja transmitida e percebida tal e qual como projetada. Como auxílio à perceção da qualidade da apresentação, distribuámos uns questionários de satisfação, nos quais obtemos resultados e *feedbacks* muito positivos, reflexo do competente e exaustivo trabalho desenvolvido na investigação.

3.3 Área 3 – Participação na Escola e Desporto Escolar

Esta área de intervenção visa desenvolver no professor estagiário competências relacionadas com dois âmbitos preferenciais de intervenção profissional: “a conceção e dinamização de atividades de Desporto Escolar ou de atividades de enriquecimento curricular de carácter sistemático e a conceção, implementação e avaliação de uma atividade de dinamização da escola” (Guia de Estágio, 2013).

As atividades desenvolvidas nas escolas, são em grande parte, organizadas e reguladas pelo DEF, na medida em que, é através de atividades ligadas ao desporto e à atividade física, que os alunos vivenciam diversas experiências que contribuem para o seu desenvolvimento: pessoal, académico, físico e social.

É muito importante que um professor se torne ativo e próximo dos alunos, proporcionando várias oportunidades, alheias à rotina diária das aulas, para poderem colocar em prática os seus conhecimentos e habilidades.

Como professora estagiária, e como docente inserida no processo educativo, procurei de forma intensiva e sistemática estar ligada a várias atividades desenvolvidas na escola. Fomentando uma relação de proximidade com os vários alunos pertencentes à escola e não apenas os alunos da turma à qual lecionei as aulas.

Assim sendo, participei ativamente na coadjuvação do planeamento, condução e avaliação de um núcleo do núcleo de DE de voleibol, escalões juvenis e juniores femininos, colaborei na organização dos vários torneios e dias das modalidades, nomeadamente interturmas, organizados e regulamentados pelo DEF. Organizei também, juntamente com a minha colega de estágio, o torneio de voleibol e uma formação de dança Aeróbica dirigida aos professores do DEF. O NE participou também, de forma ativa e influente, na organização, implementação e concretização da I Gala de EF e DE, também vista como sendo uma atividade que pode ser inserida na área 4, uma vez que foi abrangente a toda a comunidade escolar.

Segundo a Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro, Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto, no artigo nº28, secção I, capítulo IV, a Educação Física e o DE devem ser promovidos no âmbito curricular e de complemento curricular, em todos os níveis e graus de educação e ensino, como componentes essenciais da formação integral dos alunos, visando especificamente a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o entendimento do desporto como fator de cultura. (p.9)

Desta forma é importantíssimo que estas atividades desportivas escolares promovam a participação e o envolvimento dos vários atores educativos, incentivando à inclusão e colaboração não só dos jovens, mas também dos pais e encarregados de educação e das autarquias locais na sua organização, desenvolvimento e avaliação. Verifica-se assim, a interligação entre esta área e a área 4. Desta forma, as

instituições de ensino superior definem os princípios reguladores da prática desportiva das respetivas comunidades, reconhecendo-se a relevância do associativismo estudantil e das respetivas estruturas dirigentes em sede de organização e desenvolvimento da prática do desporto neste âmbito (Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto, Lei n.º 5/2007, p.9).

Esta área pode estar relacionada com a área 4 em diversos aspetos relacionados com a relação escola-comunidades escolar, como por exemplo, uma atividade de desporto escolar, num jogo em que um determinado grupo equipa disputa, pode ser assistido pelos encarregados de educação, família e amigos dos jogadores, que contribuem e apoiam ativamente a participação nessas atividades. A formação de Aeróbica realizada, poderia também ter sido alargada a outros professores, de outras

áreas disciplinares, tornando-se assim numa atividade de participação na escola e ao mesmo tempo ligada a outros agentes da comunidade escolar.

Considero que mantive sempre uma postura ativa e interventiva nas diversas atividades pertencentes a esta área, ao longo de todo o estágio pedagógico, deixando uma marca significativa e positiva da minha passagem pelo AEC, nomeadamente na ESC.

3.3.1 Desporto Escolar

O DE, segundo a Direção Geral da Educação, visa “contribuir para o combate ao insucesso e abandono escolar e promover a inclusão, a aquisição de hábitos de vida saudável e a formação integral dos jovens em idade escolar, através da prática de atividades físicas e desportivas”. E desta forma, procura dar oportunidade a todos os alunos terem acesso à atividade física e desportiva, como forma de desenvolvimento pessoal e integração dos jovens.

Para que seja atribuída a devida importância ao DE, é necessário que este seja reconhecido como um dos principais motores de consolidação e fixação de valores e ações, pretendidos no Projeto Educativo de qualquer escola (Lucas, Pereira, Monteiro, 2012).

Desta forma, pretende-se que, através dos núcleos do Desporto Escolar, os alunos adquiram diversos valores e possam evoluir enquanto indivíduos. Pretende-se que desenvolvam também competências com base no trabalho em equipa, interajuda, integração de todos os membros das equipas, respeito, regras de conduta, entre outras.

Os núcleos do DE constituem também um local de “refúgio”, onde os alunos praticam atividade física, e se podem distanciar da sua realidade que nem sempre é favorável e satisfatória, sendo assim uma forma de convívio e de formação e desenvolvimento pessoal e social.

Posto isto, cabe aos professores responsáveis pelos núcleos do DE, fazerem cumprir os pressupostos tanto do PEE como do DE, sendo os principais motores de desenvolvimento da atividade física e da prática desportiva nas escolas. Os professores estagiários são também uma alavanca para que os vários objetivos sejam cumpridos. Uma vez que é tarefa de estágio o acompanhamento e coadjuvação de um núcleo de DE, o professor estagiário deve garantir que são desenvolvidas as condições para obter o sucesso escolar e desportivo, pretendidos no PEE e no DE.

No projeto da área 3, estão presentes as orientações que explicitam as metas a atingir ao longo do ano letivo, no DE. Desta forma, o trabalho desenvolvido com os alunos foi previsto e planeado de acordo com as necessidades dos alunos e as suas

capacidades de evolução. O planeamento foi realizado de forma anual, estruturado pelos períodos letivos e especificado em mesociclos e microciclos, visando uma lógica e coerência entre as sessões de treino.

A escolha do núcleo de DE baseou-se sobretudo no desafio de me tornar responsável, em coadjuvação, por dois grupos equipas, juvenis e juniores femininos, tendo ambos um nível de desempenho bastante elevado, nomeadamente as juniores. O facto de ter de planear e definir objetivos específicos de nível avançado, e no entanto diferentes entre os grupos e equipa, aumenta a dificuldade e a complexidade do planeamento e condução do ensino.

O núcleo do DE de voleibol feminino, escalões juvenis e juniores femininos, inserido no AEC, na escola sede, onde realizei o estágio, decorreu às Terças e Quintas-Feiras, das 13h35 às 15h05. Como tal, a população alvo deste núcleo foi todas as alunas pertencentes aos escalões Juvenis e Juniores, por norma a frequentar o ensino secundário.

O núcleo de Voleibol do Desporto Escolar já tem alguma tradição no agrupamento, nomeadamente na escola secundária, e como tal é bastante procurado pelos alunos, em todos os escalões. Neste sentido, nos diversos grupos equipa, estiveram inseridos alunos que já pertenciam ao núcleo há mais tempo e também novos alunos que integraram no presente ano letivo. Por esta razão, foi necessário um trabalho no âmbito da integração, interajuda e união, na receção dos alunos de primeiro ano nos escalões. Alguns dos alunos dos escalões juvenis e juniores masculinos integraram os treinos das raparigas, para potenciarem a sua aprendizagem e aumentarem os dias de treino da modalidade.

Os objetivos do DE devem estar sempre em concordância com os objetivos e metas gerais descritos no Projeto Educativo de uma escola. De acordo com os objetivos explicitados pela Direção Geral da Educação, responsável pelo Desporto Escolar nacional, pretende-se, através dos grupos equipa constituintes dos vários núcleos de desporto escolar, combater o insucesso e o abandono escolar e promover a inclusão dos alunos. Pretende-se também a aquisição de hábitos de vida saudável e a formação integral dos jovens em idade escolar, através da prática de atividades físicas e desportivas (Projeto do Desporto Escolar, 2013-2017).

Verifica-se assim, uma harmonia entre os objetivos do Desporto Escolar e os objetivos do Projeto Educativo de Escola, o que significa que o desporto e a prática de atividade física são reconhecidos como uma alavanca para desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

A tarefa de coadjuvação do planeamento e avaliação da atividade do DE, suscitou-me algumas dificuldades, maioritariamente relacionadas com a criação de

vários tipos de exercícios de modo a tornar os treinos da modalidade sempre motivadores. Esta fragilidade foi melhorando de treino para treino, considerando que desenvolvi uma grande autonomia e capacidade para criar diversos exercícios de aprendizagem da matéria de voleibol. Essa evolução não teria sucedido sem a intervenção ativa e presente do professor responsável pelo núcleo, que contribuiu para o crescimento gradual do meu conhecimento da modalidade. Para auxiliar na progressão desse conhecimento e domínio da modalidade, recorri também a documentos específicos do Voleibol, que continham exercícios e progressões, para aplicar nos treinos.

A aprendizagem dos elementos espelha os objetivos gerais e específicos que se definiu alcançar ao longo do ano, e que foram distribuídos gradualmente. Ao nível das qualidades físicas, foi estipulado o trabalho a desenvolver ao longo do ano com vista à melhoria das várias capacidades físicas. Desta forma, de acordo com o planeamento e projeto do DE, inserido no projeto da área 3, os objetivos gerais estipulados para os dois escalões foram os seguintes: integração das jogadoras novas na equipa e na escola; Promoção da dinâmica e coesão de grupo; promoção do espírito de equipa, interajuda e cooperação entre as jogadoras; inculcar o espírito de *fair-play*; incentivar à responsabilidade e dedicação das alunas para os compromissos desportivos que têm com o núcleo; promover o espírito competitivo e desportivo, de acordo com as regras da modalidade e de conduta; promover a continuidade da prática desportiva nas alunas; integração e adaptação de jogadoras juvenis na equipa das juniores, de forma a evoluírem mais rapidamente e se habituem a um ritmo e nível de jogo mais elevado; participação em 4 encontros, (cada grupo equipa).

Relativamente aos objetivos específicos para cada escalão, o trabalho desenvolvido com o escalão de juvenis baseou-se no treino progressivo de diversos gestos técnicos e ações táticas. Desta forma, pretendeu-se desenvolver capacidades e habilidades no âmbito dos gestos técnicos base: passe e manchete, como forma de consolidação. Objetivou-se também a aprendizagem do serviço por cima e do remate. Foi tido sempre em conta, o facto de haver atletas que estavam a ter o primeiro contato com a modalidade, e que necessitaram de uma atenção especial e individual para se aproximarem do nível das restantes colegas de equipa. Ao nível tático, os objetivos definidos para este escalão foram a introdução do passador fixo e a aprendizagem do sistema 4-2 (dois passadores fixos). No que diz respeito aos objetivos competitivos, pretendeu-se a passagem para a fase final de apuramento para os regionais.

Considero que o trabalho desenvolvido com estas alunas foi bastante produtivo e eficaz, tendo sido cumpridos todos os objetivos e metas de aprendizagem propostos

para as alunas, refletindo-se em grandes evoluções no desempenho da grande maioria das atletas e em resultados positivos e de excelência.

No escalão das juniores, o planeamento desenvolvido e elaborado, foi baseado na consolidação das ações técnico táticas inerentes ao voleibol, na medida em que, praticamente toda a equipa se encontra no nível A da modalidade, onde os objetivos centram-se na manutenção das competências desse nível. Houve por isso, um maior trabalho de aperfeiçoamento do que de aprendizagem. Os objetivos propostos para este escalão foram todos alcançados, o que caracteriza um ano letivo de sucesso, tanto para as alunas como os professores responsáveis pelo núcleo. Os objetivos competitivos para este grupo equipa centravam-se na passagem para a fase final CAE Lisboa Oriental.

Os dois grupos equipas, alvos deste projeto, participaram ao nível do quadro competitivo do DE, confrontando-se com algumas escolas da zona do Concelho de Odivelas e de Loures, (CAE Lisboa oriental). Obtiveram resultados de excelência, na medida em que o escalão de juvenis femininos obteve o 2º lugar na fase final de apuramento para os Regionais, e o escalão de juniores femininos obteve o 1º lugar, na fase CAE Lisboa Oriental.

. O trabalho conjunto concretizado, entre mim e o professor orientador, responsável pelo núcleo, no âmbito do planeamento, organização e avaliação desta atividade de DE, foi essencial para a consecução dos objetivos. Num clima de interajuda, cooperação e responsabilidade, obteve-se o sucesso esperado e desejado.

Para além da tarefa de planeamento e avaliação da atividade de um núcleo de DE, também a própria condução de ensino é da responsabilidade do professor estagiário, em coadjuvação com o professor responsável pelo núcleo de DE.

Considero que a minha prestação enquanto professora coadjuvante da atividade de DE foi positiva, uma vez que, ao longo da etapa, fui evoluindo como profissional e treinadora. Desenvolvendo diversas capacidades, como por exemplo gestão e organização de um grupo-equipa, capacidades de liderança e adaptação de situações de exercícios.

Ao longo do estágio, creio que atingi um elevado nível de autonomia e qualidade na minha prestação. No entanto, a presença do professor responsável pelo núcleo foi essencial e determinante para o meu desenvolvimento. Embora sendo capaz de dirigir um treino e criar diversas situações de aprendizagem de acordo com o ritmo e necessidades da equipa, considero ser necessário não me limitar apenas ao conhecimento atual que possuo, pelo que devo apostar numa formação contínua nesta área.

A participação e acompanhamento de um núcleo do DE, concorreu para que as competências previstas para a área 1 do estágio pedagógico, fossem mais facilmente adquiridas, nomeadamente em relação à matéria de voleibol. Na medida em que, diversos exercícios e abordagens utilizadas nas sessões de DE foram também aplicadas à turma à qual lecionei as aulas de EF. Esta interligação das áreas garante que o estágio pedagógico é uma formação específica, com diferentes áreas de intervenção mas que se desenvolvem num sentido único: a formação eclética de um profissional de EF.

Como em todas as tarefas realizadas no estágio pedagógico, é necessário que seja estabelecido entre os intervenientes um clima de cordialidade e respeito, de interajuda e cooperação, para alcançar os objetivos definidos.

3.3.2 Atividades Desenvolvidas

O DEF, como já referido em pontos anteriores desta dissertação, sempre se assumiu como um grupo ativo e dinâmico, organizador de uma série de atividades desportivas, na escola e fora da escola, pertencentes não só ao DE mas também à disciplina de EF, torneios específicos das modalidades.

O NE, ao longo de todo o estágio pedagógico participou ativamente na consecução de todas as atividades desenvolvidas pelo DEF, e para além da colaboração prestada nessas atividades, organizou também outras atividades na escola, nomeadamente o torneio de voleibol e a formação de dança Aeróbica.

3.3.2.1 Torneio de Voleibol

O NE assumiu com responsabilidade, toda a organização e implementação do Torneio de Voleibol. Esta tarefa tornou-se um desafio, na medida em que, embora os membros do NE já tenham participado e colaboração na organização de outros eventos desportivos, a experiência de organização integral de um evento desta natureza era escassa. Neste sentido, foram desenvolvidas diversas competências ao nível da organização e concretização de projetos e eventos desportivos, que irão ser uma mais-valia na entrada para o mercado profissional como professores de EF.

O Torneio de Voleibol realizou-se no dia 21 de Janeiro de 2014 para as equipas pertencentes ao 8º ano, 9º ano e 10º, e no dia 3 de Abril para as equipas pertencentes ao 11º ano e 12º ano. Foi necessária esta divisão uma vez que tínhamos um número muito elevado de equipas participantes, nomeadamente dos 8º, 9º e 10º anos de escolaridade.

As equipas inscritas no torneio foram organizadas em séries, que depois, dependendo do lugar em que se classificaram, jogaram contra outras equipas de outras séries. Esta forma de organização teve como objetivo a realização de um número elevado de jogos por cada equipa, pois o grande propósito deste torneio foi sobretudo a prática da modalidade e a participação ativa e motivação dos alunos. As equipas do 8º ano eram formadas por duplas e os jogos foram disputados apenas dentro do mesmo ano letivo, ou seja, com apenas um quadro competitivo. As equipas do 9º e 10º ano eram equipas constituídas por quatro elementos, e foram inseridas num mesmo quadro competitivo. As equipas do 11º e 12º eram equipas formadas por quatro elementos e foram também inseridas num mesmo quadro competitivo.

O torneio desenvolveu-se sobre diversos objetivos, tais como: complementar a atividade letiva com as atividades extracurriculares, dando oportunidade aos alunos para aplicarem os conhecimentos e habilidades adquiridos nas aulas de EF, de uma forma mais formal; promover a prática ativa dos alunos na modalidade; promover o gosto pela modalidade; garantir um número elevado de jogos para cada equipa; promover a participação significativa dos alunos; promover a interação entre alunos de anos de escolaridade diferentes e a promover o *fairplay*.

As tarefas desempenhadas pelo NE foram: a elaboração do regulamento do torneio; a elaboração dos cartazes do torneio; a divulgação ativa do torneio; a inscrição das equipas e respetiva confirmação das mesmas no dia do torneio; a elaboração das fichas de jogo e dos quadros competitivos; convocatória dos árbitros para o torneio; estruturação da escala de delegação de funções; preparação dos campos de jogos para o torneio (identificação de cada campo); supervisão e controlo na mesa dos resultados dos jogos/quadro competitivo e por fim toda a dinamização e animação do torneio.

O número de participantes foi bastante elevado, tendo-se inscrito 45 equipas do 8º ano, 20 femininas e 25 masculinas, 40 equipas dos 9º e 10º anos, 14 femininas e 26 masculinas, e 24 equipas dos 11º e 12º anos, 8 femininas e 16 masculinas. Houve, desta forma, um total de 109 equipas inscritas e participantes nos dois dias de torneio. Esta elevada taxa de *feedback* reflete todo um competente trabalho de divulgação, motivação e incentivo à participação, por parte do professores, nomeadamente do NE.

A consecução das tarefas inerente ao torneio foi da total responsabilidade do NE. O facto de termos confirmado tanto junto dos professores como juntos dos alunos, as equipas participantes, facilitou significativamente todo o trabalho logístico, ficando com uma noção de quantas equipas estariam presentes para definir o quadro competitivo para cada escalão de competição. Foi na altura da confirmação das equipas, que o NE se apercebeu da grande afluência de equipas inscritas, e foi então que se decidiu que os jogos dos 11º e 12º não poderiam ser realizados no mesmo dia que os

8º, 9º e 10º. Considero que esta decisão foi a mais acertada, pois possibilitou uma melhor gestão dos jogos e equipas, e proporcionou mais um momento de atividade física, de união, espírito de alegria e motivação entre os alunos, tanto participantes como assistentes.

Desta forma, o início, as pausas e términos dos jogos foram sempre no tempo estipulado. Apenas houve alguns atrasos, mas que não comprometeram a organização do torneio. Este facto reflete, da parte do NE e professores colaboradores na organização do torneio, eficácia, eficiência e capacidade de organização no trabalho desenvolvido.

Durante os jogos, foi possível observar a motivação e gosto dos alunos, e também a sua satisfação com a forma de organização do mesmo, nomeadamente por séries, possibilitando que eles jogassem um número elevado de jogos. Recebemos por isso, bastantes elogios e um *feedback* muito positivo por parte dos alunos e dos professores do DEF. Nos jogos disputados, os alunos revelaram qualidade e empenho, espírito competitivo e *fairplay*. As próprias regras definidas no regulamento do torneio, contribuíram para que esses valores se manifestassem, promovendo jogos mais disputados e com mais jogadas.

Em suma, considero que o torneio correu de forma organizada e competente, refletindo um clima de cordialidade e respeito por todos os elementos da organização. Também a satisfação e o bem-estar dos alunos espelhou o sucesso do torneio. Mais uma vez se denota uma interligação entre a área 1 e área 3, no que diz respeito a uma aplicabilidade dos conteúdos e conhecimentos transmitidos, nas aulas de EF e a sua aplicação prática em torneios da modalidade. A minha turma de estágio demonstrava algumas dificuldades na matéria de voleibol, sendo esta mesmo definida como uma matéria prioritária da turma. Através de estratégias de motivação e trabalho específico desenvolvido na matéria, consegui que se organizassem e participassem no torneio, com uma equipa de cada género, fazendo uma exibição bastante satisfatória.

3.3.2.2 Formação de Aeróbica

O recente agrupamento de escolas e a alteração dos critérios de avaliação, ocorridos no início do ano letivo, foi uma oportunidade para o NE aproveitar para introduzir a dança aeróbica no plano plurianual e também nos critérios de avaliação. O NE questionou-se sobre esta ausência de lecionação da dança aeróbica, e percebeu que estava relacionada com o pouco domínio da matéria e talvez reduzida formação nessa dança. Desta forma, o NE teve a iniciativa de organizar e realizar uma formação de Aeróbica, destinada sobretudo aos professores do DEF, mas com possibilitada de

ser abrangida a outros professores interessados, havendo aqui uma interligação entre esta área e a área 4.

A formação realizou-se no dia 29 de Maio, às 17 horas, com uma duração estimada de cerca de 2 horas. Os objetivos da formação centraram-se sobretudo na transmissão de diversos recursos e técnicas pedagógicas que auxiliassem na lecionação da dança aeróbica, de acordo com os PNEF. A formação foi desenvolvida e estruturada em duas partes, uma mais teórica e outra prática, no entanto, na parte teórica foram fornecidos muitos exemplos práticos.

O NE começou por fazer uma breve contextualização da dança aeróbica, explicando um pouco a sua história e evolução. Considerámos ser importante esta contextualização, pois um professor não deve saber apenas os aspetos técnicos das modalidades, mas também deve saber a sua história e evolução para complementar o seu conhecimento e assim torná-lo mais consistente e suportado. Em seguida, foram apresentados os benefícios desta dança, desde os benefícios físicos aos benefícios sociais e emocionais. Foi possível assim, transmitir as vantagens na lecionação da dança aeróbica, suscitando o interesse e gosto pela dança.

Também foram revelados os recursos necessários à prática e à lecionação da dança aeróbica, centrados sobretudo nas características da sala e na sua acústica, a presença de espelhos, que não sendo essencial pode ser um bom auxiliar na lecionação, e as características do piso da sala.

A estrutura musical foi um dos conteúdos que suscitou algumas dúvidas e aparentou ser o mais complicado, em termos de perceção. Foram por isso necessários vários exemplos práticos, que contribuíram para uma melhor consolidação do conhecimento. Este ficou mais sólido e explícito quando se progrediu para a explicação dos vários passos padrão, e as suas particularidades relativamente aos tempos correspondentes. Os professores perceberam melhor quando foram inseridos passos nas frases musicais, sabendo que cada uma delas possuía 32 tempos. Os passos padrão da dança aeróbica têm várias componentes, que são variáveis, consoante o passo ou consoante a vontade do professor. As componentes são: a liderança dos passos, as direções, os deslocamentos e a complexidade dos mesmos. A liderança diz respeito à perna que inicia os passos, e pode ser à esquerda, à direita ou neutra. As direções podem ser frente, trás, diagonal, esquerda e direita. Nos deslocamentos encontramos as voltas, os avanços e os recuos. Por fim, a complexidade dos passos refere-se à combinação dos vários membros (inferiores e superiores), modificações de movimento e o estilo da música escolhida.

Um dos conteúdos também abordado na formação foi a pedagogia específica da dança aeróbica, baseada no posicionamento do professor e nas ordens de comando

que existem. A pedagogia utilizada caracteriza toda a leção e o grau de entendimento e aquisição de habilidades dos alunos, e é importante que o professor adote a maneira mais adequada. Nesta temática, o NE procurou fornecer exemplos práticos, nomeadamente em relação às ordens de comando, que podem ser bastante variadas, dependendo do objetivo que se pretende com determinado passo ou conjunto de passos.

Por fim, foram sugeridos exemplos de coreografias, para os diferentes níveis de desempenho dos PNEF. O objetivo que o NE tinha neste conteúdo, era fornecer uma ferramenta útil, que poderia ser adotada pelo DEF, no próximo ano letivo, para facilitar a leção da dança aeróbica.

A participação na formação foi positiva, na medida em que participaram cerca de 10 professores do DEF. O NE viu-se assim acarinhado e apoiado por grande parte do DEF. Ao longo de todo o estágio pedagógico sentimos apoio e sentimo-nos integradas no grupo de professores, que se mostraram sempre ativos e colaboradores nas atividades organizadas e dinamizadas pelo NE. O grupo de estágio foi sempre visto como um excelente motor de inovação e trabalho, de competência e iniciativa. Desta forma, foi sempre muito gratificante trabalhar com este grupo de professores, sentindo sempre que fomos úteis e marcantes na vida pessoal e profissional do DEF do AEC.

A formação correu como planeado e desejado. O NE desenvolveu um trabalho muito competente e cuidado, que pode suportar e auxiliar o trabalho realizado no âmbito da área 1, relacionado com a condução do ensino nas turmas. Cumprimos assim, o objetivo estipulado para a formação de dança aeróbica, preparando os professores para uma leção segura e firme desta dança.

Para mim foi também uma aprendizagem e desafio ao mesmo tempo, na medida em que, apesar de ter facilidade na dança, e perceber as características da dança aeróbica e as suas componentes musicais e técnicas, não possuía um domínio total da dança nem possuía competências de leção da mesma. Contrariamente à minha colega de estágio, que tinha uma excelente formação na área. Posto isto, a realização da formação constituiu-se também numa formação interpares, com partilha de conhecimentos e experiências, para assim também podermos transmitir um conhecimento mais sólido e consistente aos professores participantes.

É gratificante e realizador o facto de podermos ser as impulsionadoras destes objetos de aprendizagem, essenciais à prática letiva. Embora a pouca experiência em leção, os professores estagiários podem contribuir para o ensino com grandes conhecimentos e conteúdos, atuais e inovadores, que promovem o desenvolvimento da EF e desporto no contexto educativo.

3.4 Área 4 – Relação com a turma e com a Comunidade

Segundo o Guia de Estágio (2013) perspectivava-se que os professores estagiários desenvolvessem competências que permitissem “compreender a importância da relação escola-meio e promover iniciativas de abertura da escola à participação na e da comunidade” e que desenvolvam a capacidade de “conceção e utilização de processos de caracterização e acompanhamento pedagógico do grupo-turma”, realizando duas tarefas obrigatórias de estágio, que são elas o “Estudo da turma” e o “Acompanhamento da Direção de Turma”.

Devem assim, ser privilegiadas as interações com as famílias e restante comunidade escolar, para que os projetos de vida e formação dos alunos sejam apoiados, integrando desta forma o projeto curricular, os saberes e as práticas sociais da comunidade (Guia de Estágio, 2013).

Como professora estagiária, desenvolvi todo um trabalho ativo e dinâmico, no âmbito da direção de turma e outras atividades realizadas com a mesma, mas também com a comunidade escolar envolvente à escola.

3.4.1 *Direção de Turma*

O Diretor de Turma exerce na escola uma valiosa atividade, a qual julgamos merecer uma profunda reflexão. Este docente constitui um elemento determinante na mediação de conflitos, que não se encerram apenas no recinto escolar, ramificando-se e multiplicando-se por toda a comunidade educativa. Acumula ainda numerosas funções burocráticas, necessitando de desenvolver, através de técnicas específicas, capacidades para o exercício de todas as tarefas de coordenação que executa. (Boavista & Sousa, 2013. p.80)

O Diretor de Turma (DT) assume um papel essencial no sistema educativo, na medida em que é o elo de ligação entre os vários intervenientes, os alunos, os encarregados de educação e os professores da escola, principalmente os que lecionam a turma. Assim, de acordo com o artigo nº41 da Lei nº51/2012 de 5 de Setembro, o Diretor de Turma

enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é o principal responsável pela adoção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo -lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais ou encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas o comportamentais ou de aprendizagem.

Constitui-se assim o ponto de união entre a escola e a comunidade escolar, o DT sendo o gestor de todos os assuntos relacionados com os alunos da turma, sejam eles internos ou externos. Também o contexto em que os alunos se encontram e vivem, influencia o comportamento e as atitudes dos mesmos, e por essa razão, cabe ao DT orientar e aconselhar os alunos que apresentam maiores dificuldades e problemas ao nível escolar.

No estágio pedagógico, pretendia-se que os professores estagiários acompanhassem ativamente os alunos da turma à qual lecionaram as aulas de EF. Como tal, o acompanhamento e coadjuvação na DT constituiu mais uma das tarefas de estágio a realizar no ano letivo decorrido.

A inexperiência e a falta de domínio e conhecimento das várias tarefas relacionadas com a direção de turma foram as principais dificuldades por mim manifestadas. Estas fragilidades foram perfeitamente colmadas, de forma rápida, não só pela pesquisa autónoma e aconselhamento junto de outros professores e orientadores de estágio, mas também pela ajuda preciosa e o papel ativo que o DT desempenhou. Adquiri assim, um conjunto de competências na área da organização e gestão de uma turma, aprendendo a lidar com diversas situações, realidades e problemas, com os quais irei com certeza deparar-me no futuro.

Deste modo, tal como o DT, foi necessário conhecer toda a legislação e regulamentação legal e pedagógica inerente à sua função, de modo a agirmos sempre de acordo com as leis, com justiça e com coerência, perante todas as situações que pudessem surgir. Ao longo do ano letivo várias tarefas tiveram de ser desempenhadas por mim especialmente, e em coadjuvação com o DT. As tarefas em comum com o DT estão especificadas no RI (2013), artigo 51º da escola sede do AEC, umas ao nível da relação com os professores da turma, e outras ao nível da relação com os encarregados de educação.

As tarefas que tive de realizar foram: organização do *dossier* de direção de turma, englobando todos os processos dos alunos; elaboração das atas das reuniões, elaboração dos guiões das reuniões (em conjunto com o DT); marcação das faltas, elaboração de fichas informativas acerca de diversos assuntos dos alunos; lançamento das classificações nas pautas; e contatos com os encarregados de educação.

As relações que nós estabelecemos, na direção de turma, foram relações/intervenções escola-escola, que diz respeito à relação entre o DT e os intervenientes e membros da escola (Direção, outros professores, alunos, etc), e as relações/intervenções escola-família, que se referem à relação do DT com os encarregados de educação ou outros membros da família dos alunos.

Embora tivesse inexperiência ao nível do trabalho a realizar numa direção de turma, adaptei-me bastante rápido à dinâmica e o trabalho desenvolvido por mim foi muito positivo, cumprindo todos os pressupostos definidos no Guia de Estágio.

Considero que mantive uma postura ativa no âmbito da direção de turma, auxiliando o DT, ao nível da preparação, condução e secretariado das reuniões com o CT e com os encarregados de educação. Estabeleci regularmente contato com o DT, respeitando o trabalho em equipa que tem de ser efetuado. Considero ainda que possuo uma boa capacidade de comunicação, algo que é essencial, nomeadamente para a relação com os Encarregados de Educação. Também a minha capacidade e conhecimentos no campo tecnológico foi uma mais-valia para o trabalho desenvolvido na direção de turma, na elaboração de documentos e tarefas necessárias na plataforma informática INOVAR.

A relação de respeito e interajuda não se refere apenas à minha relação com o DT, mas sim com todos os intervenientes nesta área. Assim, procurei ser sempre responsável, cumprindo todas as tarefas que são solicitadas e os objetivos da direção de turma, manifestando capacidade para ouvir diferentes opiniões e críticas, e também dispondo sempre de um espírito altruísta e de preocupação com todos os intervenientes.

3.4.2 Estudos de caracterização da turma

A caracterização da turma E do 11º ano foi efetuada com base em dois questionários e um estudo sociométricos dos alunos da mesma.

Os questionários visavam conhecer melhor os alunos pertencentes à turma, e foram elaborados de um forma completa, um de carácter mais geral e outro mais centrado na EF. Com a aplicação destes questionários pretendíamos recolher informações essenciais à caracterização da turma e assim poder adotar as melhores atitudes para com os alunos e adaptar o ensino aos alunos em questão. O teste sociométrico contribuiu para compreender que tipo de relações estabelecem os alunos entre si. Esta tarefa foi um pouco complicada na medida que nunca tinha trabalhado com testes sociométricos, nomeadamente com o tratamento dos mesmos, e foi necessária uma pesquisa acrescida em relação a esta atividade.

Os resultados destes inquéritos e estudo da turma foram apresentados em reunião intercalar ao Conselho de Turma, com o propósito de dar a conhecer algumas características e especificidades dos alunos, que podiam ser uteis em certas disciplinas ou então para auxiliar os professores no contato com alguns alunos. Os professores da turma, quando apresentados os dados obtidos do estudo da turma, tiveram reações diferentes, a maioria já conhecia a turma de outros anos, razão pela qual algumas das

conclusões não espantaram os professores, por outro lado, algumas conclusões surpreenderam os professores, principalmente os que não conheciam tão bem a turma.

Este tipo de caracterização da turma é extremamente importante, na medida que fornece ferramentas essenciais para adotar uma conduta e uma postura adequada aos alunos. É necessário que os professores estejam atentos a todas estas particularidades dos alunos, às suas preferências e escolhas, para assim, poder planejar e ensinar, e obter do aluno, os melhores resultados. Como tal, mais uma vez se verifica a interligação desta área com a área 1, na medida em que, os estudos da turma servem para poder diferenciar melhor o ensino. Uma vez que estes estudos possibilitam conhecer melhor os alunos, as suas limitações, problemas, capacidades e relações, também a motivação, a adaptação do ensino e o sucesso nos resultados ficam assegurados.

Neste sentido, desenvolvi um trabalho competente e muito útil para o trabalho de planeamento, condução de ensino e avaliação dos alunos, auxiliando na compreensão da realidade de alunos que vivenciamos, e das formas de agir perante as situações com que eles nos confrontam.

3.4.3 Atividades Desenvolvidas

O NE, para além das atividades predefinidas no Guia de Estágio, relativamente à área 4, resolveu concretizar mais duas atividades, que cumprissem os restantes pressupostos da área, que visam a interação e relação com o meio e com a comunidade escolar envolvente.

3.4.3.1 Atividade – “Estilos de vida saudáveis”

O NE de educação física, resolveu então concretizar uma atividade, que se realizou na Escola Básica de Moinhos da Arroja, no dia 1 de Abril de 2014, no período da tarde, das 14:30 às 17:00. Esta apresentação pretendia transmitir diversos conteúdos, hábitos e rotinas relacionados com estilos de vida saudáveis, a alunos provenientes de bairros sociais e estatuto económico e social baixo. Desta forma foi uma mais-valia a realização desta atividade, pois dotou os alunos de conhecimentos e modos de obter um estilo de vida saudável, entre outros benefícios para a sua vida quotidiana. A atividade teve uma parte teórica, onde foi realizada uma apresentação dinâmica pelo NE, com os conteúdos a abordar, e uma parte prática, de aplicação desses mesmos conhecimentos, como por exemplo, a medição do IMC e do índice de massa gorda e magra, presentes no organismo.

Neste seguimento, os objetivos principais desta atividade foram: transmitir aos alunos os diversos pressupostos para obter um estilo de vida saudável; transmitir exemplos de hábitos e rotinas saudáveis que se podem adotar; dotar os alunos de um conhecimento acerca dos temas e conteúdos relacionados com os estilos de vida saudáveis. Nesta atividade foram abordados variados conceitos e conteúdos, importantes para a vida de um indivíduo e condicionantes para a adoção de um estilo de vida saudável, tais como: Conceito de Saúde; Promoção da Saúde; Conceito de Aptidão Física; Conceito de estilo de Vida; Estilo de Vida Saudável; Fatores associados ao estilo de vida saudável; Atividade física (Pirâmide da Atividade Física, recomendações, etc); Peso e composição corporal; Alimentação saudável e Higiene/Saúde.

Para que a atividade fosse devidamente concretizada, o NE, como responsável pela organização e implementação da atividade, desempenhou diversas tarefas, antes, durante e após a atividade. Nomeadamente, a elaboração da apresentação, em Prezi, a elaboração das fichas de registo individual da % Massa Gorda e IMC, a elaboração do questionário a aplicar aos alunos, a coordenação e organização da sessão de apresentação, assegurar ainda o material necessário para a atividade (Balanças, questionários, canetas, computador, apresentação, data show).

Esta atividade, como já foi referido, dividiu-se em duas partes, uma mais teórica e outra com um caráter mais prático e experimental. A parte teórica foi dinamizada através de uma apresentação em PREZI, animada e com diversas informações sobre estilos de vida saudável e os diferentes fatores que os influenciam. A parte prática consistia na passagem dos alunos por três estações, uma então em que preenchem um questionário que solicitava uma reflexão acerca do seu estilo de vida, outra estação foi a pesagem numa balança de Bioimpedância (Tanita), e por último o cálculo do IMC.

Esta atividade teve alguns contratemplos, nomeadamente a postura dos alunos e a falta de interesse que demonstravam, pelo que foi necessário, por parte das professoras estagiárias do NE, uma postura mais descontraída, que não causasse muita pressão sobre os alunos. Ao longo da atividade fomos ganhando a confiança dos alunos e a sua intervenção começou a aumentar gradualmente, verificando-se maior participação a partir do meio da atividade.

3.4.3.2 “Um dia no Jamor”

A atividade “Um dia no Jamor” foi uma atividade que partiu das professoras estagiárias, do NE. Inicialmente a atividade seria semelhante à que o NE do ano letivo anterior realizou, na Quinta da Fonte Santa. No entanto, uma vez que o estágio é único e é realmente enriquecido quando os professores estagiários, que dele fazem parte, se destacam pelas suas iniciativas, inovadoras e interessantes.

Desta forma, uma vez conhecendo bem as características do Complexo Desportivo do Jamor, resolvemos proporcionar aos alunos das nossas turmas, a oportunidade de passarem um dia no Jamor, usufruindo das diversas ofertas desportivas e atividades relacionadas com a Natureza, que este espaço de lazer e desportivo oferece.

Esta atividade está então inserida na área 4, uma vez que está diretamente relacionada com a comunidade envolvente, explorando os espaços fora da escola, com os nossos alunos. Sucedeu no dia 5 de junho de 2014, durante todo o dia.

A atividade englobou não só os alunos pertencentes às nossas turmas, a turma E e C do 11º ano, mas também uma turma do ensino básico, a turma F do 8º ano, da escola básica de Moinhos da Arroja (EBMA). A iniciativa visou um intercâmbio de estudantes, das turmas referidas, proporcionando diversas experiências, alternativas à rotina afeta às aulas regulares de EF, relacionadas com a exploração da natureza.

A dinâmica e organização da atividade foi realizada pelo núcleo de estágio, juntamente com o professor orientador de escola e uma professora da escola básica de Moinhos da Arroja. Contámos também com a colaboração de duas professoras, uma pertencente à ESC e outra pertencente à EBMA.

Os alunos foram organizados em grupos de 6 elementos, e cada professor ficou com um grupo de cada turma, ou seja, 18 alunos. Foram quatro os professores acompanhantes, portanto 4 grupos de cerca de 18 alunos cada um, e dois professores coordenadores. Os quatro professores acompanhantes foram as duas professoras estagiárias do núcleo de estágio, a professora da ESC e a professora da escola básica de Moinhos da Arroja. Os professores coordenadores foram o professor orientador de estágio e a professora da EBMA, com o auxílio do núcleo de estágio, também organizador da atividade.

Desta forma, houve um intercâmbio de alunos e diversas interações sociais entre as três turmas participantes. Esta dinâmica de organização, a princípio suscitou alguma dúvida, da nossa parte, se iria correr bem, pois por vezes os alunos nestas idades têm alguma dificuldade em socializar com outros alunos, de outra escola ou de outra turma, completamente estranhos. Felizmente, as nossas duas turmas relacionavam-se

relativamente bem, pelo que a dúvida recaiu na forma como os nossos alunos iriam receber os alunos do 8º ano. Quanto a esta questão, acabou por não haver qualquer problema, havendo um grande espírito de grupo e união, os alunos relacionaram-se de forma decente e muito positiva.

As atividades que os alunos realizaram foram o arborismo, canoagem, mini golf e hóquei em campo. Estas são atividades que não são praticadas regularmente pelos alunos nas aulas de EF, pois por vezes não existe a possibilidade de fazer estas deslocações.

Os objetivos desta atividade basearam-se sobretudo em: promover o domínio de novos espaços para a prática de atividade física; promover atividades de contacto com a natureza, contribuindo para um maior envolvimento dos jovens no contacto com o meio ambiente; sensibilizar os participantes para o respeito e preservação do meio ambiente e a aquisição de comportamentos de ética perante áreas naturais; promover o espírito de superação dos participantes; promover o estabelecimento de relações de ajuda entre os participantes, de forma a cimentar o espírito de coesão de grupo; promover a autoconfiança dos participantes ao nível da tomada de decisões; promover a responsabilidade pessoal dos participantes; aplicação dos conhecimentos de segurança e técnicas de: escalada e slide (arborismo) e canoagem.

Para que a atividade fosse concretizada com o maior sucesso, foi necessário o desempenho de diversas tarefas, nomeadamente do NE, como organizador e dinamizador da atividade, tais como: a realização de contactos com a instituição para marcação da atividade e acordo de atividades; coadjuvação na elaboração de panfletos informativos da atividade; coadjuvação na elaboração das autorizações para a atividade; coordenação e supervisão dos pagamentos efetuados pelos alunos, a realização de uma ficha com a relação dos alunos e contactos dos encarregados de educação; confirmação das autorizações; elaboração do roulement das atividades para os quatro grupos; formação dos grupos de alunos; e por fim a coordenação, supervisão e organização de toda a atividade, juntamente com os professores colaboradores e organizadores da mesma.

A atividade correu de forma excelente, refletida na satisfação e alegria dos nossos alunos, por terem experienciado diversas atividades com as quais nunca tinham tido contato. Considero que a organização da atividade foi muito competente e bem estruturada, que espelha um ótimo trabalho em equipa, colaboração, interajuda e coadjuvação, num clima de cordialidade e respeito, por todos os intervenientes.

É sem dúvida uma atividade que pretendo voltar a organizar, com outra turma ou grupo de alunos, pelo seu caráter inovador e explorador do meio natural, suscitando capacidades e habilidades nos alunos que, por vezes, até eles desconhecem possuir.

3.4.3.3 Gala de Educação Física e DE

A realização de uma gala final de ano letivo foi sempre um dos objetivos do NE, na medida em que pretendíamos que fosse feita uma apresentação global de tudo o que foi trabalhado e conquistado ao longo do ano letivo, na disciplina de EF e no DE.

Inicialmente, na ESC apenas realizava uma gala de entrega dos prémios dos torneios e DE, e na escola básica dos Castanheiros, realizava-se uma atividade designadas por “*Show time*”. O NE, sugeriu, em conjunto com outros professores interessados, a realização de uma atividade que englobasse as duas anteriormente referidas. Na tentativa de, para além de atribuir os prémios correspondentes aos alunos, dar também a oportunidade deles apresentarem algo próprio, sem condições para a o tipo de apresentação, com exceção do tempo, que deveria ser no máximo 5 minutos. Esta ideia foi aceite, e contou com a colaboração de todos os professores do DEF.

Houve uma grande afluência das turmas, fruto também de um ótimo trabalho de divulgação e motivação por parte dos professores de EF das turmas participantes.

Como tal, a gala foi constituída por cerca de 20 atuações, intercaladas com as entregas dos prémios conquistados nas diversas atividades do DE e torneios internos da Escola. As atuações eram de vários tipos, houve alunos a cantar, a demonstrar vários tipos de dança e também houve uma demonstração de Taekwondo.

A realização desta gala teve um valor muito especial para mim e para a minha colega, como NE. Foi muito gratificante a forma como sempre nos trataram ao longo do estágio, tanto os alunos como os professores. Em especial, a relação que se criou com os vários alunos foi muito forte, bem como a relação com os professores do DEF. Desta forma, resolvemos também, como forma de despedida, fazer uma pequena atuação, cantada, para todos os presentes na gala, como forma de agradecimento e também despedida do ano letivo.

3.4.3.4 Atividade de DE de Voleibol em Carcavelos

Esta atividade organiza-se todos os anos, e contou com a participação de mais escolas, e trata-se de um torneio de voleibol de praia. Realizou-se no dia 4 de Junho, na praia de Carcavelos. Participei ativamente na organização da atividade, nomeadamente no dia da realização, ficando responsável pelo quadro competitivo das equipas masculinas.

É uma atividade que, apesar de ser do DE e poder estar incluída na área 3, foi incluída na área 4 uma vez que englobou outras escolas, ou seja, englobou toda a

comunidade escolar, e foi realizada fora do espaço escola. O mesmo acontece com a atividade descrita no ponto seguinte, realizada na Quinta da Fonte Santa.

3.4.3.5 Atividade com os núcleos de DE de Voleibol na Quinta da Fonte Santa

Esta atividade foi a última atividade realizada por mim, com os alunos e os professores do núcleo do DE de voleibol, dos vários grupos equipas. Participaram os alunos dos escalões: iniciadas femininas, juvenis masculinos e femininas e juniores masculinos e femininos. Também participaram alunos da EBMA, dos vários escalões. A organização da atividade foi, na sua maioria, da responsabilidade do professor orientador de estágio e da professora da EBMA.

Colaborei na organização no dia da atividade, ficando responsável por todo o quadro competitivo dos escalões juvenis e juniores, masculinos e femininos.

O plano de atividades do dia foi organizado em dois espaços, no campo de jogos e na piscina, e foi elaborado um roulement, de modo a não haver um número elevado de alunos num mesmo espaço. No campo de jogos, os alunos realizaram um torneio de voleibol, com equipas mistas.

Foi uma atividade mais descontraída, que representava o encerramento das atividades do DE de Voleibol.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um professor, para assegurar um ensino de qualidade deve procurar uma formação para além da formação académica. Essa procura deve ser sistemática e ambiciosa, para que se possam verificar evoluções significativas nas aprendizagens proporcionadas pelo professor, e na sua própria prestação enquanto educador.

Ao longo da vida de um professor sucedem diferentes situações, para as quais são necessárias soluções eficazes que garantam o sucesso dos alunos. Para que tal aconteça, o professor deve pesquisar intensivamente e regularmente acerca de novas práticas e abordagens dos conteúdos, para que esteja sempre atualizado em relação aquilo que é pretendido para as aprendizagens.

Claro está, que um professor tem as suas fragilidades, que podem comprometer a qualidade do processo ensino-aprendizagem. Como tal, deve haver por parte do professor uma motivação para refletir sobre essas fragilidades e delinear a sua formação pessoal nesse sentido, de modo a ultrapassá-las.

Neste estágio pedagógico, segundo o Guia de Estágio, foi solicitado a cada professor estagiário a elaboração de um plano de formação (PF), no qual foram definidos os objetivos e tarefas a realizar nas quatro áreas de intervenção do estágio e respetivas potencialidades e dificuldades, bem como as estratégias para superar essas mesmas dificuldades. O PF foi então elaborado com o intuito de orientar o meu processo de formação pessoal durante o estágio.

Desta forma, é essencial que cada professor, realize um ciclo de formação pessoal e profissional, onde atua, reflete, corrige, atua de novo e reflete sobre o resultado. Só analisando e refletindo sobre as nossas ações é possível perceber quais os aspetos a melhorar ou corrigir.

A elaboração deste relatório, possibilitou uma verificação do cumprimento dos objetivos e tarefas propostas e também perceber se as estratégias estabelecidas surtiram resultados satisfatórios, contribuindo para a minha formação pessoal e profissional.

Como reflexão geral, considero que a minha prestação foi regular e de acordo com o esperado para um professor estagiário, no estágio pedagógico. Sempre me mostrei preocupada e disposta a melhorar todos os aspetos que me foram apontados, tanto os negativos, corrigindo-os, como os positivos, aperfeiçoando-os.

Desta forma, sinto-me muito orgulhosa pelo meu percurso, pois considero que cumpri todos os pressupostos do Guia de Estágio.

Acredito que tive um estágio extremamente rico em diversas aprendizagens, com as quais evolui, tanto como pessoa mas também como profissional. Desenvolvi

inúmeras capacidades e habilidades no âmbito educativo, que servirão com certeza de base a toda a minha carreira docente.

Segundo Bom e Brás (2003. p.16), o estágio pedagógico pretende “formar professores capazes de responder de forma autónoma e responsável, às características da turma, projetando e conduzindo o processo de ensino-aprendizagem, mas não só, participando na resolução dos problemas pedagógicos de que depende a qualidade da educação escolar (...)”. Neste sentido, tive um desempenho muito positivo e de acordo com o pretendido. No entanto, não devo limitar-me ao que conquistei até agora, mas sim ambicionar mais e procurar ser sempre superior aquilo que sou, evoluindo e progredindo ao longo do tempo. Devo, como afirma Nóvoa (1992), centrar-me numa formação contínua, que estimule uma postura crítico-reflexiva, fornecendo ferramentas para uma maior evolução da minha própria autonomia, de pensamento e decisão. Pois estar “em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional” (Nóvoa, 1992).

5. REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, P., Alonso, L., Peralta, M. H., Cortesão, L., Leite, C., Pacheco, J. A. & Santos, L. (2002). Reorganização Curricular - Ensino Básico. In *Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Albuquerque, A., Graça, A. & Januário, C. (2005). *Supervisão Pedagógica em Educação Física - a perspetiva do orientador de estágio*. Livros Horizonte. Lisboa.
- Alarcão, I. (1994). Ser professor reflexivo. In *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão* (1996). Editora Porto. Porto
- Boavista, C. & Sousa, O. (2013). O Diretor de Turma: Perfil e Competências. In *Revista Lusófona de Educação*, pp. 77-93
- Bom, L. & Brás, J. (2003). Estágio para dar aulas ou para ser professor? *Revista Horizonte*. Vol. XVIII, nº 108, pp.15-26
- Bom, L. (1985). A utilização dos meios (gráficos) auxiliares de ensino em Educação Física. *Revista Horizonte*, Vol. II, Nº1, pp. 1-12
- Bayo, I., Brogueira, A., Pintassilgo, P. & Diniz, J., (2012). Núcleo de Aptidão Física. Um projeto em desenvolvimento. *Boletim da SPEF*. Nº 37, 2013, pp. 47-59
- Carvalho, L. & Mira, J. (1990). Organização e Gestão da Aula de Educação Física - 1º Ciclo do ensino básico. *Revista Horizonte*, Nº56, pp. 173-179.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim da SPEF* (10/11), pp 135–151.
- Carreiro da Costa, F. (1984). O que é um ensino eficaz das atividades físicas no meio escolar? *Revista Horizonte*. Vol. I, nº 1, maio-junho, pp.22-26
- Comédias, J. (2004). Como Organizar Provas de Avaliação Aferida dos JDC. *Revista Horizonte*, Vol. XXI, nº 122, pp.3-7

- Comédias, J. (2012). *A Avaliação Autêntica em Educação Física - O Problema dos Jogos Desportivos Coletivos*. Tese de Doutoramento. Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, Lisboa.
- Cortesão, L. (2002). Formas de ensinar, formas de avaliar – Breve análise das práticas correntes de avaliação. Em P. Abrantes e F. Araújo (Orgs.), *Reorganização Curricular do Ensino Básico. Avaliação das aprendizagens das concepções às práticas* (pp.37-42). Lisboa: Departamento da Educação Básica, Ministério da Educação
- Estrela, A. (1984). *Teoria e Prática da Observação de Classes*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Gomes, M. (2004). *Planeamento em educação física – comparação entre professores principiantes e professores experientes*. Monografia. Universidade da Madeira
- Heacox, D. (2006). *Diferenciação Curricular na Sala de Aula - Como efetuar alterações curriculares para todos os alunos*. Porto Editora
- Hespanha, C., Neves, M. & Moreira, I. (1992). A avaliação questão de «medida»? Questão de desenvolvimento pessoal e social. *Revista Noesis*. Nº23, pp.47-50
- Herdeiro, R. & Silva, A. (2008). Práticas reflexivas: uma estratégia de desenvolvimento profissional dos docentes. In ANAIS (Atas) do IV Colóquio Luso-Brasileiro, VIII - Colóquio sobre Questões Curriculares: Currículo, Teorias, Métodos. Brasil: Universidade de Santa Catarina – Florianópolis
- Hypolitto D. (1999). O professor como um profissional reflexivo. *Revista Integração, ensino, pesquisa, extensão*. Vol. V, n. 18, pp. 204-205
- Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J. & Carvalho, L. (2001). *Programa Nacional Educação Física (Reajustamento)*. Ministério da Educação.

- Lucas, M. P., Pereira, B. & Monteiro, A. O. (2012). DE: Dinâmicas e Valores. In: B. Pereira, A.N. Silva & G. S. Carvalho (Coord.), *Atividade Física, Saúde e lazer. O Valor Formativo do Jogo e da Brincadeira* (pp. 153-165). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança – Instituto de Educação – Universidade do Minho.
- Marques A., Carreiro da costa, F. (2013). Educar para um Estilo de vida ativo. Caracterização das aulas de um grupo de professores de educação física. *Boletim da SPEF*, 37, 109-123.
- Moura, D. (2009). A Educação Física Escolar e os estilos de ensino: uma análise de duas escolas do Rio de Janeiro. *Revista Digital - Buenos Aires* - Nº 137
- Nobre, J. (2010). *O Trabalho em Equipas Docentes e o Desenvolvimento da Educação Física. Uma Abordagem Organizacional*. Tese de Mestrado. Universidade Lusófona
- Onofre, M. S. (1996). A Supervisão Pedagógica no Contexto da Formação Didática em Educação Física. In F. C. Costa, *Formação de Professores em Educação Física: Conceções, Investigação, Prática*, pp. 75-118. Lisboa: FMH.
- Pereira, P., Bento, F. & Pereira, B. (2013). O Ensino da Educação Física: Paradigmas da Investigação. In P. Silva, S. Souza, I. Neto (Eds.), *O Desenvolvimento Humano: perspetivas para o século XXI – Memória, Lazer e Atuação Profissional*. Vol. I, pp. 368-391. São Luís: Edufma
- Pieron, M. (1986). *Enseignement des activités physiques et sportives: observation et recherché*. Universite de liege . faculté de medicine . Liege, 1986
- Savater, F. (1997). *O valor de Educar*. Lisboa - Tradução de Michelle Canelas. Edições Presença.
- Serafini, O. & Pacheco, J. (1990). A Observação como Elemento Regulador da Tomada de Decisões: a Proposta de um Instrumento. In *Revista Portuguesa de Educação*, vol. III, pp. 1-19. Minho: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Documentos da Escola Secundária de Caneças

Avaliação em Educação Física. Agrupamento de Escolas de Caneças – Escola Secundária de Caneças

Critérios de Avaliação em Educação Física. Agrupamento de Escolas de Caneças - Escola Secundária de Caneças

Guia de Estágio Pedagógico. Faculdade de Motricidade Humana – Universidade de Lisboa

Planos Plurianuais de Educação Física do ensino Básico, Secundário e Profissional. Agrupamento de Escolas de Caneças - Escola Secundária de Caneças

Projeto Educativo de Escola. Agrupamento de escolas de Caneças.

Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas de Caneças.

Legislação:

Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro - Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto, a Educação Física

Artigo nº 41 da Lei nº51/2012 de 5 de Setembro. Diário da República, 1.ª série — N.º 172 — Aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, que estabelece os direitos e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação, revogando a Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro